



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

ALAN TAVARES RIBEIRO

**ESPAÇOS URBANOS E O PERTENCIMENTO JUVENIL: UMA LEITURA
SOCIOLOGICA SOBRE O IDENTITÁRIO COM O BAIRRO**

FORTALEZA
2025

ALAN TAVARES RIBEIRO

ESPAÇOS URBANOS E O PERTENCIMENTO JUVENIL: UMA LEITURA
SOCIOLOGICA SOBRE O IDENTITÁRIO COM O BAIRRO

Dissertação apresentada ao Mestrado
Profissional de Sociologia em Rede
Nacional da Universidade Federal do
Ceará como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em
Sociologia. Área de Concentração:
Ensino de Sociologia..

Orientador: Prof. Dr. Irapuan Peixoto
Lima Filho.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R367e Ribeiro, Alan Tavares.

Espaços urbanos e o pertencimento juvenil: uma leitura sociológica sobre o identitário com o bairro / Alan Tavares Ribeiro. – 2025.

96 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Fortaleza, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho.

1. Sociologia urbana. 2. Cidade. 3. Juventudes. 4. Pertencimento. I. Título.

CDD 301

ALAN TAVARES RIBEIRO

ESPAÇOS URBANOS E O PERTENCIMENTO JUVENIL: UMA LEITURA
SOCIOLOGICA SOBRE O IDENTITÁRIO COM O BAIRRO

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de Concentração: Ensino de Sociologia.

Aprovada em: 13 / 08 / 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Danyelle Nilin Gonçalves
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Francisca Márcia Gabrielle Alves Freitas
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA)

Aos meus pais, Antônia Maria e Antônio Ribeiro, à minha irmã Alana Maria e à minha esposa Dayane Semião por serem sempre experiência de cuidado e amor.

AGRADECIMENTOS

Ao fim do percurso realizado para conclusão desta etapa acadêmica, considerada uma grande conquista ao lembrar da trajetória estudantil exercida na escola pública de um bairro periférico da cidade de Fortaleza (EEM Eudes Veras, bairro Siqueira), tendo a oportunidade de cursar licenciatura em Geografia em universidade pública (UFC - Universidade Federal do Ceará) e retornar à esta universidade para cursar Mestrado em Sociologia, é necessário agradecer a quem contribuiu para esta trajetória.

A Deus, pelo dom da vida e por acreditar que as experiências comunitárias de fé contribuíram para as escolhas acadêmicas e profissionais, a fim de contribuir, a partir da educação pública, com a transformação da vida das juventudes.

A minha família, minha mãe Antônia Maria e meu pai Antonio Ribeiro, que para além de todos os ensinamentos para a vida, em sua simplicidade, me deram a oportunidade de dedicar-se aos estudos.. A minha irmã Alana Maria, que hoje compartilha da mesma dedicação à educação e vida das juventudes. A minha esposa e companheira de vida Dayane Semião, por partilhar de sonhos, dificuldades, realizações e por sua paciência e compreensão nas tomadas de decisões e escolhas profissionais.

Ao professor Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho, meu orientador, por seu zelo, empenho e compreensão durante o desenvolvimento desta pesquisa. Sua dedicação aos estudos sobre juventudes, sua metodologia e didática são inspirações para o exercício docente. Obrigado professor por sua paciência e generosidade em acompanhar esta trajetória.

Aos professores Profsocio-UFC. Aos professores pelo empenho e dedicação durante as disciplinas ministradas, em especial os professores Alexandre Jeronimo Correia Lima, , Danyelle Nilin Gonçalves e Francisco Willams Ribeiro Lopes por todo o cuidado com minha turma de mestrado.

Aos colegas do mestrado pela parceria, cuidado e motivação nos momentos mais desafiadores. Em especial Aline Nascimento, Cláudia Pires e Miguel Verino, por toda disponibilidade e contribuição com os demais colegas. Vocês foram

fundamentais para a concretização desta etapa. Fico feliz também pela conquista de vocês. Minha gratidão.

Aos amigos Luziana Amorim, Renata Moraes, João Gutemberg, João Paulo Diógenes, Lucas Abreu, Romário Bastos e Thiago Silveira pelo incentivo e orientação nas reflexões sobre a continuidade na trajetória acadêmica. O compromisso de vocês com a educação pública e com as juventudes é inspiração.

Aos amigos de profissão na EEFM Almirante Tamandaré por todo incentivo, em especial a amiga Paula Herandy por apresentar o programa Profsocio e insistir na minha inscrição. Aos amigos Elias Lino e Vicente Maia pela parceria no desenvolvimento das ações da área de Ciências Humanas, pelo acolhimento e reflexões sobre a atuação na escola. À Conceição de Maria Gorete e Ivaniel Castro, representando os colaboradores desta instituição, pelos cuidados, atenção e suporte. Aos demais colegas e amigos que estiveram e estão comigo na trajetória na Almirante Tamandaré, agradeço a confiança e a parceria no atual exercício da Gestão Escolar.

Aos amigos Giselle Valério, Karolina Bonaffini, Layane Maciel e Leandro Muniz que dividem comigo o exercício da Gestão Escolar da EEFM Almirante Tamandaré. A vocês minha imensa gratidão pelo cuidado, paciência, parceria e principalmente, por compartilharem do mesmo sentimento de dedicação e compromisso com uma educação pública de qualidade. Vocês foram essenciais neste processo de produção deste trabalho.

Por fim, agradeço aos alunos da EEFM Almirante Tamandaré que me acolheram e se dispuseram a desenvolver esta sequência didática, partilhando de suas experiências e sentimentos. Agradeço também pela confiança em mim depositada para gerir a escola. Os votos diários de construir uma escola pública de qualidade, acolhedora e participativa, é por vocês.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma sequência didática realizada durante o Mestrado Profissional em Ensino de Sociologia, na linha de pesquisa Juventudes e questões contemporâneas. Com o objetivo de pesquisar sobre as relações identitárias dos estudantes do Ensino Médio com o bairro em que residem, a partir de reflexões sobre a Sociologia Urbana, Juventudes e Pertencimento. O Espaço Urbano é objeto de estudos de diferentes áreas de conhecimento, para as Ciências Sociais é fundamental a compreensão da cidade a partir do contexto de sua história, suas relações coletivas e conexões com processos de expressão da vida social, como a análise da cidade produto da reprodução do cotidiano. Enquanto disciplina escolar, a Sociologia tem muito a contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre o espaço urbano, pois promove o contato do aluno com sua realidade, confrontando-o com realidades locais e de uma espacialidade mais distantes. Como metodologias para o estudo sobre a cidade, foram desenvolvidas ações com o uso de material audiovisual, músicas, aulas em campo e oficina de Cartografia Social. O presente trabalho elenca metodologias que podem contribuir com a prática docente, nos estudos sobre a cidade, potencializando a compreensão dos conceitos sociológicos e a apreensão do sentimento de pertença dos estudantes para com a cidade e o bairro em que residem.

Palavras chaves: sociologia urbana; cidade; juventudes; pertencimento.

ABSTRACT

This paper presents a teaching sequence carried out during the Professional Master's Degree in Sociology Teaching, in the research area of Youth and Contemporary Issues. The aim was to research the identity relationships of high school students with the neighborhood in which they live, based on reflections on Urban Sociology, Youth, and Belonging. Urban space is the subject of studies in different areas of knowledge. For the social sciences, it is essential to understand the city from the context of its history, its collective relationships, and its connections with processes of social expression, such as the analysis of the city as a product of the reproduction of everyday life. As a school subject, sociology has much to contribute to the development of critical thinking about urban space, as it promotes students' contact with their reality, confronting them with local realities and more distant spatialities. As methodologies for the study of the city, actions were developed using audiovisual material, music, field classes, and a social cartography workshop. This paper lists methodologies that can contribute to teaching practice in the study of the city, enhancing students' understanding of sociological concepts and their sense of belonging to the city and neighborhood in which they live.

Keywords: urban sociology; city; youth; belonging.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Serviços: Jangurussu	30
Figura 2 - Fachada da EEFM Almirante Tamandaré	31
Figura 3 - Construção no novo prédio da EEFM Almirante Tamandaré	32
Figura 4 - Alunos prestigiando a Exposição Bonito para Chover	50
Figura 5 - Aluns prestigiando a Exposição Negros na Piscina	50
Figura 6 - Tela de Respostas - <i>Mentimeter</i>	55
Figura 7- Recriação da Babilônia	56
Figura 8 - Recriação cidade portuária - Primeira Revolução Industrial	58
Figura 9 - Avenida Paulista (1902 - 2020)	59
Figura 10 - Ponte da Estaiada, São Paulo - SP	60
Figura 11 - Nova Delhi, Índia	60
Figura 12 - Bombaim/Mumbai, Índia	61
Figura 13 - Parque Industrial de Maracanaú-CE	62
Figura 14 - Avenida Beira Mar, Fortaleza-CE	63
Figura 15 - Representação dos Espaços Praticados dos Estudantes da EEFM ALMIRANTE TAMANDARÉ	72
Figura 16 - Fachada do Cuca Jangurussu	73
Figura 17 - Areninha do Tamandaré	74
Figura 18 - Fachada EEFM Almirante Tamandaré	75
Figura 19 - Produção do Mapa dos Espaços Praticados 1	79
Figura 20 - Produção do Mapa dos Espaços Praticados 2	79
Figura 21 - Produção do Mapa dos Espaços Praticados 3	80
Figura 22 - Foto da turma - Fachada Pinacoteca	81
Figura 23 - Nota de agradecimento de aluno	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Aula 1: Urbanização, um olhar das Ciências Humanas	42
Quadro 2 - Aula 2: Das primeiras cidades às megalópoles	43
Quadro 3 - Aula 3: Cine-Debate: Problemas Urbanos No Brasil	44
Quadro 4 - Aula 4: Cartografando O Meu Lugar - Parte 1	45
Quadro 5 - Aula 5: Cartografando O Meu Lugar - Parte 2	48
Quadro 6 - Aula 6: Conhecendo A Cidade - Pinacoteca Do Ceará	49
Quadro 7 - Aula 7: Avaliação Parcial - Sociologia Urbana	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Currículo 1	33
Tabela 2 - Currículo 2	34
Tabela 3 - Currículo 3	35
Tabela 4 - Currículo 4	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAGECE	Companhia de Água e Esgoto do Ceará
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CE	Ceará
CHSA	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
CUCA	Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte
DCRC	Documento Curricular Referencial do Ceará
EEFM	Escola De Ensino Fundamental e Médio
EEM	Escola de Ensino Médio
EF	Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EM	Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPPLAN	Instituto de Pesquisa e Planejamento de Fortaleza
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
NAPE	Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PNEM	Política Nacional de Ensino Médio
PROFSOCIO	Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
SEDUC-CE	Secretaria da Educação do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFPR	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.2	Definição do objeto.....	15
1.3	Processos Metodológicos.....	17
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
3	A ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO ALMIRANTE TAMANDARÉ.....	29
4	SOCIOLOGIA URBANA, DA CIDADE AO MEU BAIRRO - PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	38
4.1	A Sequência Didática.....	42
5	REFLEXÕES SOBRE A SEQUÊNCIA DIDÁTICA	54
5.1	AULA 1 - Urbanização, um olhar das Ciências Humanas	54
5.2	AULA 2 - Das primeiras cidades às megalópoles	56
5.3	AULA 3 - Cine-Debate: Problemas Urbanos No Brasil	66
5.4	AULA 4 - Cartografando O Meu Lugar - Parte 1	69
5.5	AULA 5 - Cartografando O Meu Lugar - Parte 2	72
5.6	AULA 6 - Conhecendo A Cidade - Pinacoteca Do Ceará	80
5.7	AULA 7 - Avaliação Parcial - Sociologia Urbana	83
6	UMA ANÁLISE GEOSOCIOLÓGICA	85
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
	BIBLIOGRAFIA.....	89

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa refletir sobre a contribuição da Sociologia Escolar para análise dos espaços urbanos a partir da relação identitária dos educandos do ensino médio com o bairro em que residem, elencando metodologias que possibilitem a compreensão dos conceitos desta ciência e a apreensão do sentimento de pertença dos estudantes para com a cidade.

A Sociologia, enquanto disciplina escolar, busca promover o contato do aluno com sua realidade, confrontando-o com realidades locais e de uma espacialidade mais distantes, de um contexto culturalmente próximo ou de culturas diferentes, a partir dos saberes próprios do componente ou comuns para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, construindo uma análise coletiva da sociedade na qual estamos inseridos. (Sarandy, 2001).

Como cenário propício para o desenvolvimento do olhar crítico e apurado apresentado por Sarandy, sob influência de Cavalcanti (2006) e Barreira (2019), acreditamos no potencial da cidade como campo de estudos, pois quando considerada conteúdo escolar, não é concebida apenas como forma física, mas como materialização de modos de vida da sociedade contemporânea, como um espaço simbólico, vivido, formado de sentidos e de identidade, elementos que a caracterizam como arranjo social histórico correspondente a determinada organização e produção social. Tal estrutura é considerada por Certeau (1988) como espaços praticados, reforçando o caráter de um espaço de vivências individuais e coletivas, construídas a partir da experiência cotidiana.

O campo empírico escolhido é o Conjunto Almirante Tamandaré, comunidade localizada no bairro Jangurussu, cidade de Fortaleza, estado do Ceará. Tal escolha se deu pelo fato da realização do meu exercício profissional em uma escola da comunidade, que possui o nome da mesma, a EEFM Almirante Tamandaré; e por perceber, durante as discussões em aula, um desconhecimento da história e da falta de identificação dos estudantes com a escola e com a comunidade.

Como produto desta pesquisa, é apresentada uma intervenção pedagógica, a partir de uma Sequência Didática composta por 7 (sete) encontros, com carga

horária média de 50 (cinquenta) minutos de hora/aula cada, totalizando 400 minutos. A Intervenção trabalhada com turmas da segunda série do Ensino Médio, apresenta diferentes recursos a fim de contribuir com metodologias para o ensino de Sociologia.

Buscou-se, com esta pesquisa, identificar a contribuição da Sociologia e de seus estudos sobre cidade e urbanização, aplicados ao processo de ensino sociológico, com influência dos demais componentes da área de Ciências Humanas, principalmente a Geografia, para apreensão do espaço, em especial o do bairro, como recorte microssocial da cidade, a partir das subjetividades individuais e coletivas, elencando metodologias de ensino que contribuam para o desenvolvimento de tal perspectiva de análise.

1.2 Definição do Objeto

Com o desenvolvimento do espaço urbano, a partir das transformações ocasionadas pelas mudanças oriundas do processo produtivo das Revoluções Industriais, as cidades passaram a ser objeto de estudo de diversas ciências, entre elas, Sociologia, Geografia, Arquitetura, Engenharias, entre outras.

Busca-se entender o processo de construção, sua dinâmica atual e planejamento para o futuro, apreender seus sujeitos e diferentes formas de ocupação, atuação e suas relações. Sendo o escopo da mudança por excelência, o espaço social da cidade é o palco das grandes transformações sociais em curso. São fenômenos que expressam as profundas relações sociais dos tempos contemporâneos. (Nunes, 2007).

Neste sentido, a Sociologia, segundo Barreira e Lima (2013), desenvolveu nos últimos anos, novos olhares sobre a cidade e sua compreensão. Sofrendo influências de outras ciências. Trabalhos que tratavam a cidade apenas como unidade de observação, passam a abordá-la sob ótica de temas que desenvolvem uma reflexão microssocial, cujo sentido se efetiva na compreensão da cidade a partir do contexto de sua história, suas relações coletivas e conexões com processos mais abrangentes de expressão da vida social como: conflitos de ocupação e produção (1970-1980), atuação de movimentos sociais na apresentação de espaços periféricos e suas contradições (1980-1990), construção de espaços e

territórios sobre influência da cultura e de políticas públicas (1990-2000), cidade-natureza e cidade como reprodução do cotidiano (2000).

É na perspectiva de compreensão da cidade, e do bairro como recorte microssocial, a partir das relações cotidianas dos estudantes e da construção do conhecimento sociológico que desenvolveu-se este trabalho. E como metodologia apresentamos uma Sequência Didática como produto das, e para as, reflexões e práticas sobre o tema, pois compreende-se que o produto proposto configura-se como um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais, na busca da construção de determinado conhecimento. (Araujo, 2013)

A sequência foi aplicada para turmas de 2ª (segunda) série do Ensino Médio da EEFM Almirante Tamandaré, bairro Jangurussu, cidade de Fortaleza. Organizada em 8 (oito) encontros de 50 (cinquenta) minutos cada, traz diferentes metodologias para o desenvolvimento das reflexões necessárias e construção do pensamento sociológico sobre os temas abordados.

Com as contribuições de Lima (2001), compreendemos o bairro como processo dessa espacialização das cidades e dinâmica urbana, se caracterizando como recorte para análise microssocial, pois considerado fruto das relações cotidianas dos indivíduos, construído de interações, que, por serem de intensidade relevante, fazem desse espaço vida, vivido, vivência, vizinhança, vínculos. Sendo assim recorte propício para o desenvolvimento dos conceitos e práticas propostas pela metodologia escolar aqui apresentada.

E como bairro, recorte microssocial da cidade (Barreira, 2007), escolhi para análise, o Conjunto Almirante Tamandaré, comunidade situada no território do Grande Jangurussu, bairro localizado na região sul da cidade Fortaleza, fazendo limites com os bairros Messejana, Passaré, Pedras e Ancuri, formado por sete conjuntos habitacionais: Maria Tomásia, Sítio São João, José Euclides, Santa Filomena, São Cristóvão, Conjunto Palmeiras I e II, João Paulo II e Conjunto Tamandaré. (Guimarães, 2018).

O Conjunto Tamandaré recebe esse nome em homenagem ao Marquês de Tamandaré, patrono da Marinha do Brasil, pois a comunidade surgiu a partir do

uso de terras da união para a construção de casas para receberem os militares que se aposentaram ou teriam estadia na cidade. Em contrapartida, a Marinha do Brasil concedeu terras ao Governo do Estado do Ceará para a construção de uma escola que recebeu a homenagem ao Marquês, mas com título de Almirante (EEFM Almirante Tamandaré), escola na qual exerço minhas atividades de docência.

No desenvolver do processo de ensino e aprendizagem a partir dos componentes curriculares de Geografia e Sociologia, pude identificar poucos relatos e certo desconhecimento, por parte dos alunos, sobre a história da comunidade, para além disso, é possível perceber a falta de identificação com a mesma e com a própria escola. Em conversas informais com os estudantes, é comum citarem comunidades vizinhas, com destaque para São Cristóvão e Conjunto Palmeiras, como áreas de sociabilidade (lazer, práticas esportivas, comércio e entretenimento), não mencionando o Conjunto Tamandaré. Tal realidade despertou meu interesse por desenvolver um trabalho voltado para a percepção do espaço do bairro, suas relações sociais, buscando identificar elementos identitários dos jovens com a comunidade e com a escola, a partir de metodologias de ensino de Sociologia e suas ciências colegiadas na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

É nesse escopo que buscamos compreender o bairro como espaço da dinamicidade social da vida urbana e analisar os simbolismos a partir das subjetividades e coletividades com o espaço; caminho necessário para a Sociologia Escolar, como ciência que é feita no chão da escola e no chão da comunidade, contribuindo para uma educação crítica partindo das afetividades dos educandos com o bairro, construindo pertença e identificação como propõe o conceito de lugar, entendido como “(...) centro de significado construído pela experiência.” (Tuan, 2018 p. 5).

1.3 Processos Metodológicos

Como possibilidade de contribuir com o desenvolvimento literário sobre conceitos aqui abordados - ensino de Sociologia, Ciências Humanas, juventudes, espacialidades, e práticas metodológicas - e principalmente pelo caminho de percepção das subjetividades e coletividades dos indivíduos com o espaço urbano, por opção de se trabalhar a partir do conceito de lugar, o método fenomenológico

presentes nas obras de Holzer (1998, 1999), e Alonso (2016) foi escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa.

Como qualitativa a pesquisa se desenvolveu com base na obra de (Alonso, 2016), mas teve contribuições de outros autores, como de Oliveira, Machado e Rocha (2018), que ao apresentam uma estrutura geral para a pesquisa na área da Geografia Cultural, mas aqui adaptada para o estudo de Sociologia Urbana, seguiu três passos básicos, dividindo-os em pré-campo, campo e pós-campo.

A estrutura acima foi percorrida ao se fazer levantamentos teóricos-metodológicos sobre os temas centrais aqui abordados (Sociologia Urbana, Ensino de Sociologia, Juventudes e Identidade) - pré-campo; desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do conhecimento sociológico e de ciências colegiadas, escolha e aplicação práticas didáticas, utilização de ferramentas para análise espacial de forma presencial e/ou virtual, visitas à comunidade, entre outras - campo; produção de material audiovisual para análise dos espaços, apontamento de quais metodologias contribuíram de maneira eficaz para a construção do conhecimento sociológico e identitário local, e por fim, produção final deste trabalho - pós-campo.

Para o desenvolvimento de práticas didáticas para o estudo da cidade e percepção dos elementos sociológicos já apresentados, teremos como base as produções e experiências de Sabota (2009) em que desenvolve na cidade de Goiânia um levantamento de espaços públicos que podem ser utilizados para a realização de diversas ações educativas dentro do contexto que abarca o conceito de Cidade Educativa.

Outra experiência exitosa será a de Moura, Melo e Pereira (2019) no qual utilizaram de recursos cartográficos para a produção de uma cartografia social com os estudantes do ensino médio de 3 escolas públicas no estado de Pernambuco a fim de desenvolver metodologias de ensino para as aulas de Sociologia no Ensino Médio, trabalhando conceitos sociológicos que possuem como tema central o etnocentrismo.

Com uso de elementos cartográficos também utilizaremos a experiência de Meucci e Favoreto (2019) que se utilizaram da cartografia para a compreensão de elementos sociográficos do bairro Tarumã, em Curitiba, a partir de uma Oficina em parceria com o PIBID-Sociologia/UFPR, intitulada de “De onde você vem?”.

Como processo de visitas roteirizadas pela cidade utilizaremos a proposta de Presente, Soares e Júnior (2013) que a partir do Projeto Percursos Urbanos, realizavam rotas temáticas pela cidade de Fortaleza, dentro de um ônibus urbano coletivo; e o trabalho de Freitas (2023) em que promoveu a metodologia de “rolê sociológico” com estudantes do Ensino Médio na Cidade de Canindé-CE, a fim de compreender o espaço urbano a partir dos conhecimentos sociológicos.

Foi a partir das reflexões e experiências exitosas mencionadas, que a sequência didática apresentada no decorrer deste trabalho foi desenvolvida. Acreditando em seu potencial em contribuir com o arcabouço de metodologias disponíveis, a fim de fortalecer o papel da Sociologia Escolar na construção de um conhecimento crítico sobre a cidade e os espaços urbanos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As transformações sociais que ocorreram no mundo a partir do desenvolvimento da atividade industrial e do processo de urbanização das cidades, exigiram novas formas de análise para compreensão dos fenômenos que estavam surgindo. Uma sociedade com modos de vida diferentes, novas atividades econômicas, novas relações interpessoais e novos modos de produção. Esse novo cenário, esse novo espaço construído, precisava ser compreendido, essa diversidade precisava ser direcionada para os objetivos comuns do novo modelo de sociedade.

Um novo projeto comum de sociedade se fez necessário, e para isso seria fundamental consolidar o papel da escola e do seu currículo. Essa nova concepção de sociedade, baseada em novas práticas e valores derivados do mundo industrial, teria que dar continuidade à costumes, práticas e comportamentos de uma classe dominante, e a escola passou a ser instrumento desse processo, como apontam Moreira e Silva (2002):

A escola foi, então, vista como capaz de desempenhar papel de relevo no cumprimento de tais funções e facilitar a adaptação das novas gerações às transformações económicas, sociais e culturais que ocorriam. Na escola, considerou-se o currículo como o instrumento por excelência do controle social que se pretendia estabelecer. Coube, assim, à escola inculcar os valores, as condutas, e os hábitos adequados. (Moreira e Silva, 2002, p. 17).

Citando Kliebard (1974), Moreira e Silva (2002) apresentam que o currículo passou a ser construído sob duas perspectivas: uma de um currículo que valorizasse os interesses dos alunos com disciplinas e temáticas para a compreensão do mundo em seus diferentes aspectos - físicos, naturais, sociais e econômicos - e uma outra voltada para a construção científica de um ser adulto com conhecimentos técnicos e personalidade desejáveis para o mercado.

Os autores compreendem, a partir de reflexões de Althusser (1983), que o aprofundamento das transformações sociais, exigiram a cada fluxo de mudança, novas reflexões e abordagens pedagógicas, e que o currículo como instrumento orientador do papel da escola, passa a ser organizado sobre três princípios: a ideologia, a cultura e o poder.

A ideologia seria vista mais como imposição, partindo de organismos superiores, a fim de produzir ou reproduzir uma ideia comum sobre sociedade e o mundo e que essa ideia passaria por três dimensões básicas. **1**- Em primeiro lugar, a ideologia conta, de alguma forma, com o consentimento dos envolvidos. Em segundo lugar, a ideologia. **2** - A ideologia não é um processo homogêneo, é a junção de fragmentos de conhecimentos diferentes, de áreas diferentes e repassadas por atores diferentes, a fim de estar presente em diversos espaços sociais. **3** - Os mecanismos de transmissão ideológicos vão se desenvolvendo de maneira sutis, corporificados em pessoas, objetos, e ritos, a fim de materializar a ideia comum.

A cultura é vista como um campo dinâmico, intimamente ligado à educação, não sendo possível compreendê-la de forma unitária e homogênea. Mas a visão tradicional da relação entre cultura e currículo é de que este não é um campo a ser contestado, faria parte de construção de conhecimento movimentado por intenções oficiais de transmissão de uma cultura oficial, mesmo que o resultado não fosse precisamente o desejado por esta transmissão oficial.

E por fim, o poder é entendido como relações sociais em que grupos são subordinados à vontade e arbítrios de outros, a partir do aspecto econômico, de gênero, de idade, etnia etc. Essa distinção é compreendida tanto na origem, quanto no resultado, da construção do currículo e seus objetivos, mesmo que não sejam ali identificadas.

Neste sentido é necessário compreendermos o lugar e o papel da Sociologia no currículo escolar. Para tal, Lopes (2021) nos ajuda a refletir sobre a construção do currículo no Brasil, e a presença da Sociologia neste. Segundo o autor, a disciplina passa por um processo de descontinuidade e incertezas de sua presença nas estruturas curriculares do país. Analisando especificamente a Lei nº 13.415/2017, Lei da Reforma do Ensino Médio, e a organização da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) o autor desenvolve uma linha do tempo analisando as propostas de mudanças curriculares, influenciadas por questões políticas e econômicas, produção final dos documentos aprovados e conseqüentemente, reflete sobre a descontinuidade e o papel da Sociologia na educação básica do Brasil.

Tomando por base o componente disciplinar Sociologia, é possível constatar discontinuidades no processo de construção do texto oficial da BNCC e a visão de determinados grupos políticos sobre os sentidos do ensino de Sociologia. Tal constatação foi realizada a partir de análise crítica, ora tomando como referência a forma, ora os conteúdos, das diretrizes apresentadas nas três versões curriculares da BNCC. (Lopes, 2021, p. 247)

A partir da análise das 3 (três) versões apresentadas da BNCC para aprovação do texto final, buscando compreender a influência da ideologia, cultura e poder no contexto brasileiro, Lopes (2021) nos apresenta sobre a seguinte conclusão sobre o espaço ocupado pela Sociologia no documento final:

(...) a Sociologia se torna um saber a ser ou não mobilizado, um saber optativo, retraído, dependente dos docentes da instituição escolar. (...) A versão oficial da BNCC revigora as incertezas quanto à presença da Sociologia e de outros saberes no ensino médio e interrompe um período de dez anos de consolidação da disciplina na formação escolar. Agora, a BNCC deixa a cargo das unidades federativas definir o lugar da Sociologia no ensino médio brasileiro. (Lopes, 2021, p. 272)

Sobre a análise da presença da Sociologia no currículo para o Ensino Médio no estado do Ceará, a partir do Documento Curricular Referencial do Ceará - DCRC (Ceará 2021), e estando este documento inserido no contexto nacional apresentado anteriormente, Silva (2023) conclui que:

A sociologia como disciplina obrigatória no DCRC representa uma resistência ao que foi previsto nacionalmente, em linhas gerais, pois proporciona aos educadores uma diversidade de alternativas para a construção do currículo escolar da disciplina, mas não podemos desconsiderar o contexto instrumental que a limita no sistema de ensino. Em meio a todas as contradições e confusões existentes no “novo ensino médio”, no Brasil e no Ceará. O papel da sociologia deve ser o mesmo: com base no estranhamento e na desnaturalização, possibilitar a tantos quantos a oportunidade de desenvolver a imaginação sociológica, desconstruindo mitos e compreendendo os mecanismos que operam as desigualdades e as formas de opressão. (Silva, 2023, p. 91)

E a partir desse contexto de análise do currículo, do papel exercido pelo Sociologia, de sua continuidade ou não, por obrigatoriedade ou opção, de seus temas e conceitos desenvolvidos, de sua importância para a formação de um pensamento crítico e na busca de compreender a transformações da sociedade urbana e seus mecanismos de reprodução, a partir do Ensino de Sociologia é que acreditamos que o estudo sobre a cidade se faz necessário, considerando-o fundamental para tal entendimento.

A cidade oferece diferentes elementos importantes para o exercício de uma prática educativa, graças a sua complexidade, pluralidade cultural e social

existentes nela, além da grande variabilidade de espaços que podem ser analisados como reprodução de um contexto social mais amplo (Sabota, 2009, p. 117).

Como definição de cidade para a Sociologia, buscando diferenciá-la de outras ciências que estudam o espaço urbano, Wirth (1967), nos apresenta uma abordagem que analisa as interrelações da associação humana. “Para fins sociológicos, uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos.” (Wirth, 1967, p. 95)

Certeau (1999) atribui ao conceito utópico de cidade a possibilidade de três estruturas básicas: **1)** a organização racional do espaço; **2)** organização temporal da vida urbana; e **3)** a criação de um sujeito universal, a partir de modelos políticos e econômicos comuns ao espaço urbano. “‘A cidade’, à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articulares uma sobre a outra.’ (Certeau, 1998, p. 173).

Para Park (1967), a cidade não deve ser compreendida apenas como um amontoado de pessoas e convivências sociais, ou como um mero agregado de instituições. A cidade vai além, pode ser considerada um estado de espírito a partir de costumes, tradições, atitudes e sentimentos dos indivíduos.

Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana. (Park, 1967, p. 25).

Park, também apresenta a importância da organização das cidades em setores, como os bairros, para a manutenção das tradições, costumes e sentimentos que são peculiares para a vizinhança daquele determinado setor. O que se organiza em escala da cidade, passa a ser organizada em escala microsocial do bairro, dos bairros.

Como efeito disso, o que a princípio era simples expressão geográfica converte-se em vizinhança, isto é, uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua. Dentro dessa vizinhança a continuidade dos processos históricos é de alguma forma mantida. O passado se impõe ao presente, e a vida de qualquer localidade se movimenta com um certo momento próprio, mais ou menos independente do círculo da vida e interesses mais amplos a seu redor. (Park, 1967, p. 29).

E uma perspectiva de análise da cidade que pode ser abordada para compreender essa dinamicidade a partir do conhecimento sociológico é a que Barreira (2007) considera a ótica microssocial da cidade, que pode ser compreendida como:

Uma sociologia dos bairros supõe uma sociologia nos bairros, sinalizando para a multiplicidade de usos e apresentações de identidade não redutíveis a uma expressão unitária. A imagem homogênea que as narrativas do consumo turístico pretendem evocar (o bairro típico) esconde os usos «ilegítimos» do espaço que precisam ser recuperados pelo observador, pois fazem parte das disputas pela classificação e reconhecimento de atores sociais. (Barreira, 2007, p. 167).

Na perspectiva da compreensão da cidade a partir dos vínculos cotidianos do bairro e da vizinhança, Certeau (1998) nos apresenta o conceito de *Espaços Praticados*. Para o autor, é necessário primeiro compreender a diferença entre *lugar*, entendido como ordem de distribuição dos elementos coexistentes de uma sociedade, ordem física e estrutural, não podendo, por exemplo, dois coisas ocuparem o mesmo lugar; e *espaço*, entendido como os movimentos diversos oriundo das operações que movem a cidade. Então para o autor, o *Espaço Praticado* pode ser compreendido como o espaço do lugar, o movimento, os fluxos, os vetores que dão vida às instituições de uma cidade.

Em suma, o *espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geométricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é um espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos - um escrito. (Certeau, 1989, p. 202).

Como análise do *espaço praticado* na vizinhança, Tuan (2018) nos apresenta um outro significado para o termo *lugar*. Para o autor, o lugar seria o espaço compreendido a partir das experiências do indivíduo com o meio e com sua comunidade. Cada indivíduo, a partir das suas experiências e sentimentos gerados a partir delas, constrói com determinado espaço uma relação subjetiva, caracterizando tal espaço como lugar.

O lugar é um centro de significado construído pela experiência. É conhecido não apenas através dos olhos e da mente, mas também através dos modos de experiência mais passivos e diretos, os quais resistem à objetificação. Conhecer o lugar plenamente significa tanto entendê-lo de um modo abstrato quanto conhecê-lo como uma pessoa conhece outra. (...) A experiência constrói o lugar em diferentes escalas. A lareira e o lar são lugares. Vizinhança, cidade e metrópole são lugares; uma região específica é um lugar e assim é uma nação. (Tuan, 2018, p. 6-7).

Carlos (2007), define lugar como produto das relações sociais com o espaço, seus significados e sentidos produzidos ao longo da história.

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida. (Carlos 2007, p. 22).

O olhar para o espaço do bairro para Certeau (1988), é um processo de análise de um território fruto das práticas cotidianas dos indivíduos, tendo para além das características físicas, estruturais e naturais, características relacionais.

Neste cenário de análise do bairro a partir das relações dos indivíduos com o espaço, as reflexões de Magnani (2002) sobre a etnografia urbana contribuíram para o processo de classificação dos espaços em famílias de categorias.

E sobre o mesmo recorte, Carlos (2007) e Tuan (2018), atribuíram aos espaços construídos pela experiência individual e coletiva, como o bairro, e percebidos através das relações entre os indivíduos e desses com o espaço; o conceito de Lugar.

Neste trabalho, buscando produzir uma análise *geossociológica*, compreenderemos o bairro a partir das práticas cotidianas, movimentos e fluxos dos indivíduos, os jovens, com o espaço em que vivem, buscando evidenciar suas experiências e o sentimento de afetividade para com o bairro.

Nesse sentido a Sociologia, enquanto disciplina escolar, tem muito a contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, ao lado de outras disciplinas, pois promove o contato do aluno com sua realidade, confrontando-o com realidades locais e de uma espacialidade mais distantes, de um contexto culturalmente próximo ou de culturas diferentes, a partir dos saberes próprios do componente ou comum para a área, construindo uma análise coletiva da sociedade na qual estamos inseridos. (Sarandy 2001).

Leite (2002), contribui para a discussão sobre a perspectiva de análise do espaço urbano como espaço público a partir das práticas sociais cotidianas, na qual

defende que o espaço urbano se tornará espaço público quando este for estruturado a partir de um conjunto de ações individuais e coletivas que constroem subjetividades e lhe atribuem sentidos de vivência e pertencimento.

Tal perspectiva de análise do espaço urbano, buscando compreender essa complexidade de fatores, contribui para um processo de ensino e aprendizagem e pode ser compreendido como Imaginação Sociológica na reflexão de Mills (1975):

A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. Dentro dessa agitação, busca-se a estrutura da sociedade moderna e dentro dessa estrutura são formuladas as psicologias de diferentes homens e mulheres. Através disso, a ansiedade pessoal dos indivíduos é focalizada sobre fatos explícitos e a indiferença do público se transforma em participação nas suas questões públicas. (Mills, 1975, p. 11-12)

E para este contexto de apropriação do currículo como instrumento de reprodução da sociedade, análise da cidade como objeto para a compreensão deste espaço urbano que a Sociologia Escolar assume papel de destaque, pois possibilita aos educandos, um modo de pensar distinto sobre a realidade humana. Tendo como objetivo proporcionar a aprendizagem do modo a compreender a sua historicidade da dinâmica e complexidade da vida. (Sarandy, 2001, p. 6)

Assim, esta pesquisa consiste em refletir sobre o papel e a importância do ensino da Sociologia para a apreensão do espaço vivido, com base nas relações afetivas construídas por educandos do ensino médio com o bairro em que estão inseridos, desenvolvendo conhecimentos do componente curricular, com base em análises do espaço urbano e suas relações, buscando elencar metodologias que contribuam para a percepção dos simbolismos que constroem o identitário local.

Partindo da ótica de análise espacial do conceito de lugar, como espaço praticado, seus simbolismos, subjetividades e coletividades; desenvolvemos esta pesquisa com base nos métodos qualitativos de pesquisas em Ciências Sociais na obra de Alonso (2016), pois nosso “objeto” de investigação são os indivíduos e suas relações com o espaço, e esses indivíduos são ativos, dotados de intencionalidade, que pensam a si mesmos e produzem interpretações do mundo social. “Cada ator

social é também um teórico social, no sentido de que interpreta a sua própria conduta e a situação social em que se insere para poder agir.” (Alonso, 2016, p. 9).

Como reflexões sobre o papel da Sociologia Escolar, utilizamos os estudos de Brunetta, Bodart e Cigales (2020), Lima (2017; 2020), Meucci (2014; 2020) e de Sarandy (2001) buscando compreender o espaço e o papel da Sociologia no Ensino Médio e sua contribuição para apreensão crítica do espaço, relacionando-a com outras disciplinas da área de Ciências Humanas, mas acreditando no potencial específico da ciência em:

(...) contribuir para a formação humana na medida em que proporcione a problematização da realidade próxima dos educandos a partir de diferentes perspectivas, bem como pelo confronto com realidades culturalmente distantes. Trata-se de uma apropriação, por parte dos educandos, de um modo de pensar distinto sobre a realidade humana, não pela aprendizagem de uma teoria, mas pelo contato com diversas teorias e com a pesquisa sociológica, seus métodos e seus resultados. Nesse sentido, o objetivo do ensino de sociologia (...) é proporcionar a aprendizagem do modo próprio de pensar de uma área do saber aliada à compreensão de sua historicidade e do caráter provisório do conhecimento – expressões da dinâmica e complexidade da vida. (Sarandy, 2001, p. 6).

Para análise do espaço da cidade, escolhemos o recorte do bairro como fruto do processo de urbanização, sob a ótica da análise microsocial apresentada por Barreira e Lima (2013), reflexões sobre a dinâmica de ocupação das cidades por Barreira (2007; 2019); e para compreender as dinâmicas do bairro e da cidade, no contexto global, utilizamos os estudos dos clássicos Santos (1993; 2006) e Harvey (2014); desenvolvendo sua análise como categoria de espacialidade em suas diferentes escalas e usos, sob contribuições de Carlos (2007), Leite (2002; 2010), Lima (2001), Lopes (2021), Nunes (2007), Oliven (2010) e Silva (2012; 2014). E a cidade como categoria escolar, foi entendida a partir das reflexões de Castellar, Cavalcanti e Calai (2006) e Sabota (2009), pois acreditamos que:

A cidade pode oferecer elementos importantes para o exercício de uma prática educativa, graças a sua complexidade de fatores que a caracterizam, a pluralidade cultural e social existentes nela, além da grande variabilidade de espaços que podem ser utilizados. (Sabota, 2009, p. 117).

Como análise do espaço da cidade sob o olhar dos simbolismos, além das obras de Certeau (1988) e Tuan (1980; 1983; 2018), citadas anteriormente, tivemos a influência de Oliveira (2006 e 2009) que apresenta uma perspectiva sensorial de percepção e relação com o meio, desenvolvendo habilidades de

apreensão do espaço pelos sentidos do ser humano (visual, auditivo, paladar, olfato e tato), significando os elementos sicionaturais.

E como indivíduos em determinada faixa etária, os estudantes do Ensino Médio foram tratados como categoria de análise “Juventudes”, a partir das obras de Lima Filho (2014; 2020) e Dayrell (2007). Abordamos as juventudes e suas complexidades como um fenômeno social que envolve identificação, estética, estilo de vida e sociabilidade. Acreditando que este é um objeto de estudo para a Sociologia Escolar, pois como recorte etário, grande parte do grupo possui como principal espaço de socialização a escola.

Lima Filho (2020) nos apresenta a importância de ter a(s) juventude(s) como objeto de estudos da Sociologia e da Educação, para um processo de ensino e aprendizagem significativo e crítico, partindo da realidade sócio-geográfica dos estudantes para a compreensão do mundo, como exposto em:

Compreender a juventude enquanto categoria social (tal qual desenvolvido pelos autores citados) auxilia o professor não apenas em relação ao conhecimento em si de seu público-alvo, de seus discentes, mas fundamentalmente ajudará na forma como se prepara aulas, materiais didáticos e estratégias pedagógicas que visem entender esses atores sociais e amparar seu aprendizado e desenvolvimento. A realização de pesquisas sobre juventude nas licenciaturas vem demonstrando como a sociedade em geral (e o professor em específico) desconhecem as particularidades do “ser jovem” e a posse desse conhecimento pode trazer grandes transformações para a relação docente-discente e melhorar o ambiente escolar (Lima Filho, 2020, p. 199-200).

E no entendimento que desenvolver temáticas que envolvem a vida das juventudes, como sujeitos sociais, pode contribuir com a aproximação dos professores aos alunos, dos alunos com a ciência, e de forma eficaz para a construção do processo de ensino e aprendizagem, desenvolvendo um conhecimento crítico da realidade local e global, característico das Ciências Humanas, em especial da Sociologia, é que apresentamos esta pesquisa.

3 A ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO ALMIRANTE TAMANDARÉ

A pesquisa foi desenvolvida com estudantes da EEFM Almirante Tamandaré, localizada na comunidade Conjunto Tamandaré, bairro Jangurussu, cidade de Fortaleza, Ceará.

Composto por comunidades como São Cristóvão, Sítio São João, João Paulo II, Santa Filomena e o Almirante Tamandaré, Jangurussu é o bairro de maior população da cidade de Fortaleza-CE, com 70.650 habitantes, representando quase 3% da população da cidade, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com base no *Censo Demográfico 2022* (IBGE, 2022).

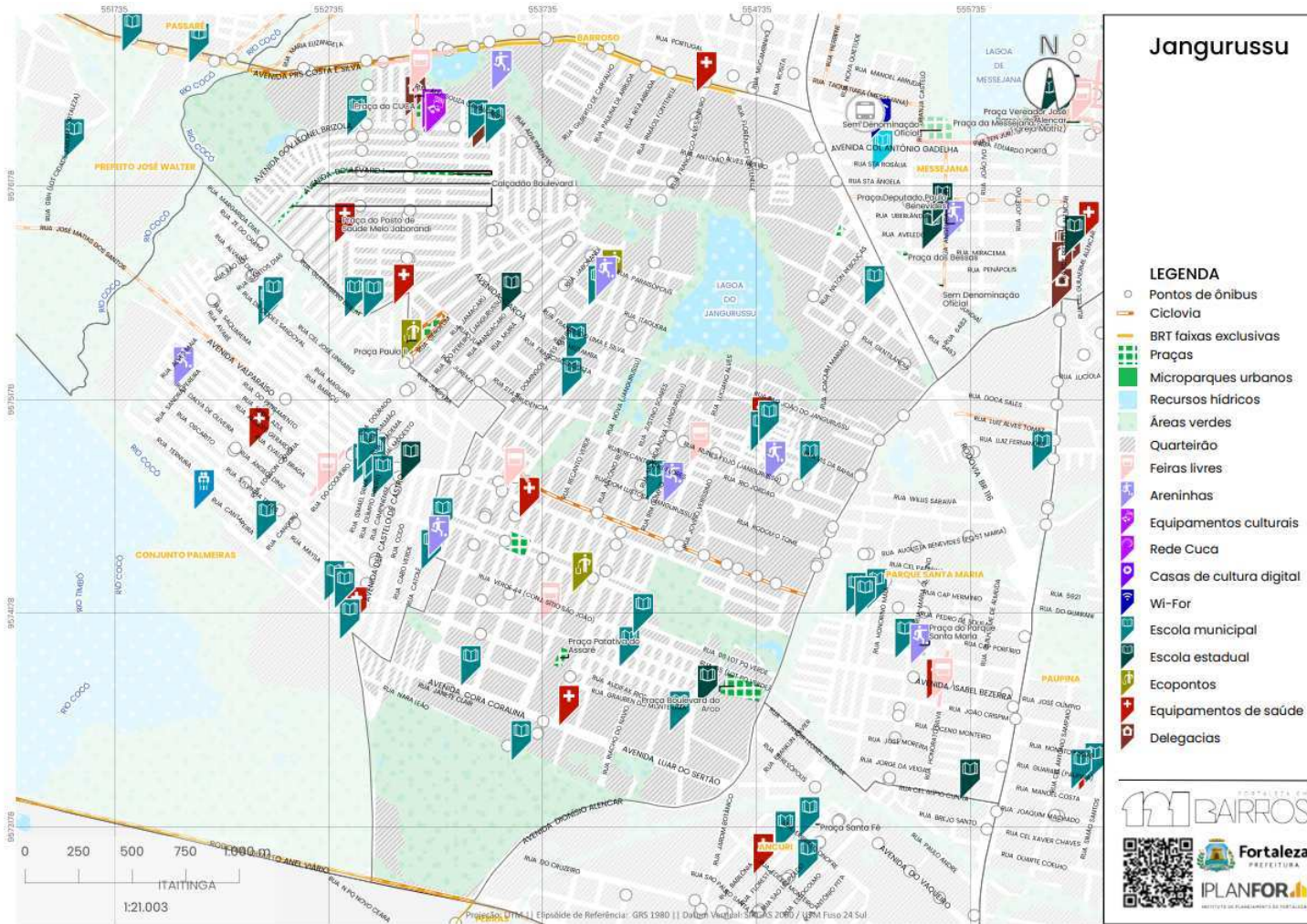
Com origens nos anos finais da década 1970, a partir da ativação do Aterro Sanitário do Jangurussu, em 1978, desativado em 1998, o bairro passou a ser ocupado por grupos de migrantes do interior do estado, saindo de uma condição de enfrentamento da estiagem e em busca de melhores condições de vida. A partir da década de 1990, recebeu incentivo de políticas habitacionais, que buscavam minimizar os efeitos do crescimento desordenado desta região da cidade.

Com uma área aproximada de 8km², o bairro possui atualmente, segundo dados do *Censo de 2022*, uma densidade demográfica de 8.831 hab./km², apresenta renda média de R\$429,00 e um IDH geral de 0,172, um dos mais baixos da cidade, se caracterizando como uma região de vulnerabilidade social. Está localizado na Regional 9 (a cidade é dividida em 12 Secretarias Executivas Regionais), no extremo sul da cidade de Fortaleza.

A seguir apresento o mapa do Jangurussu, produzido pela plataforma *121 - Fortaleza em Bairros*, desenvolvida pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento de Fortaleza (Ipplan), possui o objetivo de aproximar a população da leitura da cidade na escala humana e comunitária, a partir de dados e cartografias úteis para o dia a dia do cidadão.

O mapa apresenta diferentes serviços encontrados no bairro, como equipamentos públicos, escolas, pontos de ônibus, praças etc.

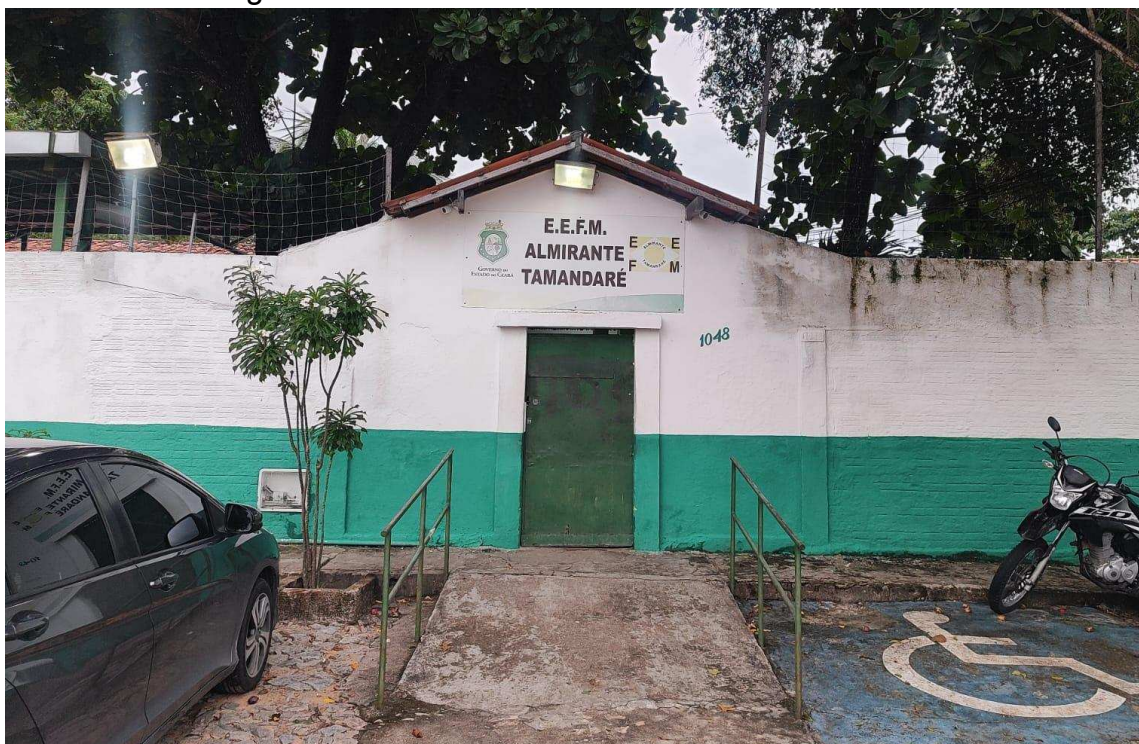
Figura 1: Mapa de Serviços: Jangurussu



Fonte: IPLANFOR - Fortaleza em 121 Bairros

Inaugurada em 10 de setembro de 1987, a EEFM Almirante Tamandaré está situada na Rua Mandacaru, 1048, bairro Jangurussu, especificamente no Conjunto Almirante Tamandaré.

Figura 2: Fachada da EEFM Almirante Tamandaré



Fonte: Elaborada pelo autor, 2025

A EEFM Almirante Tamandaré, situada na realidade de um bairro periférico, de uma grande cidade como Fortaleza, apresenta diversos desafios, principalmente das questões de violência que dividem as cidades no Brasil.

A escola atende aproximadamente 750 alunos oriundos das comunidades que fazem parte do Grande Jangurussu, principalmente do Conjunto Tamandaré, Conjunto São Cristóvão, Conjunto Palmeiras e Santa Filomena.

A escola, a partir de 2025, passou a atender a comunidade com os segmentos de Ensino Médio e EJA Qualificação, não mais ofertando o segmento Ensino Fundamental. O atual prédio funciona de forma adaptada com 9 salas de aula, em um anexo que era utilizado para atender o Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado (NAPE), e tal realidade se deu a partir de 2016 com a demolição do antigo prédio com o objetivo de construção de uma nova estrutura, considerada

padrão MEC/EMTI com 12 salas de aulas, laboratórios, auditório, refeitórios, quadra poliesportiva, com expectativa de entrega para o segundo semestre de 2025.

Figura 3: Construção no novo prédio da EEFM Almirante Tamandaré



Fonte: elaborada pelo autor, 2025

Seguindo as mudanças a partir da Lei nº 14.945/2024, que estabelece a Política Nacional de Ensino Médio e reestrutura o Ensino Médio, a escola passou a apresentar quatro currículos: **a)** Novo Ensino Médio Diurno ofertado para as turmas de 2ª e 3ª séries; **b)** EJA Médio + Qualificação oferecido para a turma ANO II, regidos pela Lei nº 13.415/2017; **c)** Novo Ensino Médio Diurno ofertado para as turmas de 1ª série; e **d)** EJA Médio + Qualificação oferecido para a turma ANO I, orientados pela Lei nº 14.945/2024.

A Lei nº 14.945/2024 também altera a composição da carga horária do Ensino Médio, ampliando a carga horária e incluindo componentes curriculares na Formação Geral Básica (FGB). O total de horas durante os 3 anos do ensino médio passou a ser de no mínimo 3 mil horas, sendo 2.400 horas destinadas a FGB (Português, Inglês, Língua Estrangeira, Artes, Educação Física, Matemática, Ciências Da Natureza [Biologia, Física, Química] e Ciências Humanas [Filosofia,

Geografia, História, Sociologia]), e 600h para os Itinerários Formativos. A nova estrutura orienta para o retorno da obrigatoriedade de disciplinas como Filosofia e Sociologia, assim como a preferência para Espanhol em Língua Estrangeira (Brasil, 2024).

Diante às orientações, a escola passou a aderir às seguintes estruturas de componentes e carga horária:

Tabela 1 - Currículo 1

ESTRUTURA CURRICULAR 2ª e 3ª SÉRIE - LEI 13.415/2017	
FORMAÇÃO GERAL BÁSICA	
DISCIPLINA	CH TOTAL
LÍNGUA PORTUGUESA	4
LÍNGUA INGLESA	1
LÍNGUA ESTRANGEIRA	1
ARTE	1
EDUCAÇÃO FÍSICA	1
MATEMÁTICA	5
QUÍMICA	1 ou 2
FÍSICA	2
BIOLOGIA	1 ou 2
HISTÓRIA	1 ou 2
GEOGRAFIA	1 ou 2
SOCIOLOGIA	1
FILOSOFIA	1
TOTAL	18
BASE DIVERSIFICADA	
FC	2
REDAÇÃO	2
TRILHA DE LINGUAGENS PARA O ENEM	2
TRILHA DE MATEMÁTICA PARA O ENEM	2
TRILHA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA PARA O ENEM	2
TRILHA DE CIÊNCIAS HUMANAS PARA O ENEM	2
TOTAL	12
TOTAL FGB + BD	30h/a SEMANAIS

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

O Currículo 1, com base na Lei nº13.415/2017 apresenta uma redução da carga horária de disciplinas de Ciências da Natureza e Ciências Humanas. No caso dos componentes de Ciências Humanas, os quatros (Filosofia, Geografia, História e Sociologia) não são ofertados de forma obrigatória, Filosofia e Sociologia sendo

optativas para as redes de ensino e instituições. No caso da EEFM Almirante Tamandaré, Filosofia e Sociologia permaneceram no currículo com 1h/a em cada série, e História e Geografia intercalando as séries, ofertando com 2h/a de Geografia e 1h/a de História na segunda série e na 3ª série o inverso.

Em algumas redes de ensino do país, alguns componentes podem fazer parte do currículo das escolas desde que trabalhados a partir de temáticas ofertadas como unidades curriculares optativas, em que os estudantes escolhem a disciplina dentro de um catálogo ofertado, na qual as mais votadas pelo grupo de estudantes, fará parte do currículo da instituição. O que geralmente ocorre com o componente de Sociologia.

Tabela 2 - Currículo 2

ESTRUTURA CURRICULAR EJA + QUALIFICAÇÃO - ANO II	
LEI 13.415/2017	
FORMAÇÃO GERAL BÁSICA	
LINGUAGENS E CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS	4
MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS	3
CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS	7
TOTAL	14
BASE DIVERSIFICADA - QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL	
TÉCNICAS ADMINISTRATIVAS E VENDAS - TAV	6
TOTAL	6
TOTAL FGB + BD	20h/a SEMANAIS

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

O currículo 2, também pautado na Lei 13.415/2017, apresenta 7h/a para a área de Ciências Humanas a serem trabalhadas no primeiro ano do curso, sendo substituída a carga horária para Ciências da Natureza. Nesta modalidade a organização curricular não é dividida em componentes e sim por área de conhecimento. Neste cenário, o comum é que tenhamos professores com formação em História ou Geografia assumindo a carga horária total de Ciências Humanas, priorizando o desenvolvimento dos conhecimentos de seus componentes de formação, e por vezes não trabalhando saberes de Filosofia e/ou Sociologia.

Tabela 3 - Currículo 3

ESTRUTURA CURRICULAR 1ª SÉRIE - LEI 14.945/2024	
FORMAÇÃO GERAL BÁSICA	
LÍNGUA PORTUGUESA	3
REDAÇÃO	1
LÍNGUA INGLESA	1
LÍNGUA ESTRANGEIRA	1
ARTE	1
EDUCAÇÃO FÍSICA	1
MATEMÁTICA	4
QUÍMICA	2
FÍSICA	2
BIOLOGIA	2
HISTÓRIA	2
GEOGRAFIA	2
SOCIOLOGIA	1
FILOSOFIA	1
TOTAL	24
BASE DIVERSIFICADA	
FC	2
ELETIVA 1	2
ELETIVA 2	2
TOTAL	6
TOTAL FGB + BD	30h/a SEMANAIS

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

Com base nas orientações e alterações para o currículo previstas na LEI nº 14.945/2024, os componentes de Sociologia e Filosofia retornam como obrigatórios, mas continuam com carga horária reduzida comparada com a destinada aos componentes de Geografia e História, mesmo com o aumento da carga horária total da Formação Geral Básica de 1800 horas, para 2400 horas durante o Ensino Médio.

Tabela 4 - Currículo 4

ESTRUTURA CURRICULAR EJA + QUALIFICAÇÃO - ANO I	
LEI 14.945/2024	
FORMAÇÃO GERAL BÁSICA	
LINGUAGENS E CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS	4
MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS	3
CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS	4
CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS	3
TOTAL	14
BASE DIVERSIFICADA - QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL	
PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO E PRÁTICAS SOCIAIS	6
TOTAL	6
TOTAL FGB + BD	20h/a SEMANAIS

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

Para a estrutura curricular de Jovens e Adultos a Lei nº 14.945/2024 continua com a organização por área de conhecimento, reduz a carga horária semanal de 7h/a para 4h/a, mas garante a permanência da área nos 2 (dois) anos de curso.

Baseando-se nas orientações legais, estrutura curricular da escola mantém um perfil conservador, no que diz respeito à ampliação da carga horária de componentes como a Sociologia, mas busca promover um processo de ensino e aprendizagem participativo, dinâmico e eficaz, desenvolvendo atividades destinadas à recomposição da aprendizagem em Português e Matemática com o auxílio dos demais componentes a partir dos seus conhecimentos específicos, com aulas de reforço, clubes e aprofundamento; e atividades de iniciação científica, incentivo à arte, além de aulas em campo e visitas técnicas que possibilitam aos estudantes acesso à museus, universidades, equipamentos culturais e construção de conhecimento em outros ambientes para além da sala de aula e estrutura interna da escola.

Atividades que contribuem para o desenvolvimento de novas metodologias, melhoram o clima escolar entre os segmentos que o compõem, e que por muitas vezes, são organizadas pelo corpo docente dos componentes de Ciência Humanas, tendo destaque, por exemplo, dos professores de Sociologia, o que

também potencializa a importância desta ciência para a formação escolar dos estudantes.

Na perspectiva de refletir sobre como metodologias disponíveis, e/ou o desenvolvimento de novas, podem contribuir para potencializar o espaço e o papel da Sociologia no currículo escolar, é que optou-se pela aplicação da sequência didática exposta a seguir. Os estudos sobre a cidade, juventudes e as relações sociais presentes nesse escopo contribuíram para o desenvolvimento de uma proposta didática que, ao associar os conceitos basilares da temática à realidade em que os estudantes estão inseridos, possibilitou a construção do processo de ensino e aprendizagem crítico, inerente à Sociologia Escolar, e uma aproximação dos estudantes com as reflexões das Ciências Sociais.

4 SOCIOLOGIA URBANA, DA CIDADE AO MEU BAIRRO: PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O processo de apreensão da cidade a partir do olhar das Ciências Sociais possibilita aos estudantes reflexões acerca das práticas de usos e contra-usos, sobre as políticas públicas que exercem influência sobre a regulamentação dos espaços e sobre a vida cotidiana nas diferentes formas de organização dos espaços.

Com o objetivo de trazer essa reflexão e olhar para as aulas de urbanização, com a contribuição dos outros componentes de Ciências Humanas, seguimos um percurso partindo de uma escala global ao bairro, com análises de conceitos e processos de ocupação, atividades econômicas, políticas e sociais, a fim de compreender as semelhanças e diferenças nos contextos urbanos em escalas diferentes.

Nosso caminho metodológico organiza-se em 7 (encontros) aulas de 50 (cinquenta) minutos hora/aula, voltada para turmas de 2ª série do Ensino Médio, mas que pode ser utilizada em outras séries e ou disciplinas. O cronograma de aulas representa as atividades de 1 (um) bimestre letivo, incluindo avaliações. Vale ressaltar que a proposta foi realizada junto às turmas de 2ª série da EEFM Almirante Tamandaré, especificamente com as turmas A, B e C, nas quais exercia a atividade docente.

O primeiro encontro realizado (Aula 1) trouxe como tema: *Urbanização, um olhar das Ciências Humanas*. Com o objetivo de refletir sobre a abordagem dos componentes curriculares que compõem a área de conhecimento para o tema. A aula inicia com apresentação do tema e objetivo do encontro. Utilizando a ferramenta *Mentimeter* é pedido à turma que escrevam palavras que se relacionam com o termo “CIDADE”, construindo uma tempestade de ideias a partir dos escritos da turma. Após são apresentadas imagens de diferentes localidades para que os estudantes relacionem com os termos escritos na atividade anterior e comparem os diferentes níveis de organização dos espaços.

Como reflexão sobre principais conceitos para o tema - cidade, urbanização, metrópole, megalópole, cidade global, megacidade etc. - é

apresentado à turma diferentes autores, buscando contribuições dos componentes da área. Como atividade avaliativa deste encontro foi solicitado que os alunos escolhessem uma cidade e indicassem o máximo de elementos possíveis que caracterizam o espaço escolhido.

No segundo encontro, de tema: *Das primeiras cidades às megalópoles*, foi realizada a discussão sobre o processo de desenvolvimento das cidades, suas principais funções, a influência do processo produtivo e seus usos e contra-usos. Buscou-se fazer uma reflexão sobre quais elementos compunham as paisagens apresentadas, quais processos eram comuns e diferentes, quais potencialidades e problemáticas eram encontradas nas diversas conjunturas de cidades europeias, asiáticas, africanas e americanas (nestas apresentando o cenário brasileiro).

Foram utilizadas ferramentas como datashow, notebook, caixa de som, para exposição do material visual a ser analisado. Como atividade do encontro, foi feita a partilha da atividade da aula anterior em que os alunos elencaram elementos que caracterizam determinado local como cidade, para que fosse feita uma correlação com os elementos abordados na aula.

No terceiro encontro foi realizada a exibição do documentário *LEVA*. O documentário de direção de Juliana Vicente e Luiza Marques, retrata a luta dos movimentos por moradia que atuam na cidade de São Paulo. Pela ótica dos moradores das ocupações, apresenta a organização da luta, o processo de revitalização dos espaços ociosos e a construção do coletivo como agente de transformação.

O documentário com duração de aproximadamente 50 minutos foi escolhido para aula pois nas turmas acompanhadas, alguns alunos residem nos conjuntos habitacionais ao entorno da escola, como José Euclides e Maria Tomásia, localizados no Conjunto Palmeiras, bairro vizinho, e até mesmo do Cidade Jardim, localizado no Conjunto José Walter.

Com o objetivo de refletir sobre a problemática do déficit habitacional nas cidades, a importância das políticas públicas de moradia, a luta dos movimentos sociais e o cotidiano de quem mora nessas habitações - sejam por movimento de

ocupação ou não, o documentário *LEVA* foi importante instrumento para que os alunos residentes dos conjuntos pudessem expressar suas vivências cotidianas.

Vale ressaltar que foi repassada a orientação que a turma estava livre para fazer intervenções; o vídeo era pausado para a discussão. O documentário não foi finalizado em sala, devido ao tempo do mesmo e do horário na turma, apenas 1h/a de 50 minutos, mas como o mesmo está disponível no *Youtube*, muitos alunos concluíram a exibição em casa.

No quarto encontro foi realizada a parte 1 da oficina de Cartografia Social, “Cartografando o meu Lugar”. A partir das discussões na aula anterior, sobre moradia, formas de ocupação da cidade e espaços de convivência, o objetivo da oficina é discutir sobre a importância da compreensão territorial das áreas de socialização, problematizando os registros destas áreas nas ferramentas de localização e da valorização das mesmas pela comunidade. A atividade inclui a leitura de trechos das músicas *Meu Lugar* (Arlindo Cruz) e *Ceará Terra da Luz* (Ítalo e Reno).

Os trechos foram recordados em estrofes, numerados e distribuídos para a turma. Após a leitura é feita uma discussão sobre como os alunos relacionam as letras com o tema da aula. Posteriormente é realizada explanação dos conceitos relacionados a apreensão do espaço como Espaço Geográfica, Território, Lugar e Espaço Praticado, trazendo uma perspectiva geo-sociológica para a turma.

Após a explicação com a ajuda da ferramenta *Google Maps*, é projetado o território do bairro, em nosso caso o bairro Jangurussu, localizado na cidade de Fortaleza-CE, e solicitado aos estudantes que indiquem quais espaços podem ser compreendidos como Espaço Praticado, buscando justificá-los com elementos discutidos durante a aula.

No quinto encontro, parte 2 da oficina de Cartografia Social, é feita a explanação sobre cartografia social e após dá-se início ao processo de apontamento das áreas de vivência na comunidade, os espaços praticados. Com o auxílio da ferramenta *Google Maps* foram destacadas as áreas apontadas pelos estudantes como as mais importantes para o grupo, e a cada apontamento pedia-se uma pequena explicação dos motivos pelos quais o ponto deveria estar em

destaque. Pediu-se que os alunos pudessem representar os espaços destacados em forma de mapas, desenhos, fotografias, vídeos, ou textos, a serem expostos na escola.

No sexto encontro, os alunos visitaram o equipamento Pinacoteca do Ceará, localizado no Centro da cidade de Fortaleza. O equipamento faz parte do complexo Estação das Artes, e é considerado um dos mais novos do segmento artístico-cultural do estado do Ceará. Inaugurado em 2022, tem como objetivo salvaguardar, preservar, pesquisar e difundir a coleção de arte do Governo do Estado do Ceará, e de artistas locais.

Na ocasião de visita dos estudantes da EEFM Almirante Tamandaré estavam em catálogo as exposições *Bonito para Chover* e *Negros na Piscina*.

Bonito pra Chover é a mostra de abertura da Pinacoteca do Ceará e contempla três exposições: *Se arar*, coletiva de obras produzidas por diferentes gerações no Ceará; *No lápis da vida não tem borracha*, em homenagem aos 100 anos de nascimento do artista Aldemir Martins¹; e *Amar se aprende amando*, em homenagem aos 100 anos de nascimento do artista Antônio Bandeira².

Negros na Piscina se refere a uma outra paisagem do Brasil. Uma que não existe ainda, mas que está sendo construída por muita gente. Paisagem social e afetiva em que corpos pretos, indígenas e travestis, entre outros vários igualmente negros, possam ter direito a trabalho e a descanso. E a muito mais. Uma paisagem em que lhes caiba e lhes pertença uma possível felicidade – coisa abstrata à qual é dada concretude por quem a busca.

¹ O artista plástico Aldemir Martins, cearense, nascido no distrito de Ingazeiras, município de Aurora, no Vale do Cariri, em 8 de novembro de 1922. A sua vasta obra, se destaca pela qualidade técnica e por interpretar o “ser” brasileiro, carregando a marca da paisagem e do homem do nordeste. Com traços fortes e tons vibrantes, utilizando diferentes superfícies Aldemir Martins imprimia vitalidade e força buscando representar a condição significativa para um povo que se percebe em suas pinturas e desenhos, sempre de forma a reelaborar suas representações.

² Antônio Bandeira, pintor e desenhista cearense, nasceu em Fortaleza no ano de 1922. Destacou-se por contribuir para a renovação da arte cearense e por imprimir características locais a sua produção. Saindo dos clichês de reprodução de pescadores e jangadeiros da vida suburbana de Fortaleza, privilegiou o retrato de populações marginais da cidade, desenvolvendo técnica de gotejamento e abstração em suas obras. Em 1941, em Fortaleza, participa da criação do Centro Cultural de Belas Artes (CCBA), que dá origem, em 1943, à Sociedade Cearense de Artes Plásticas (Scap), deixando seu legado na articulação e organização de outros artistas.

No sétimo encontro, foi realizada uma atividade avaliativa em formato de prova, contendo 4 questões sobre os temas e atividades realizadas durante o percurso. A dinâmica de aplicação ocorreu de forma que os estudantes eram separados em dupla, seguindo a distribuição das carteiras da sala, cada um recebeu a avaliação e um gabarito com duas colunas, uma para marcarem a resposta individual e a outra para a resposta da dupla.

O objetivo é que os estudantes comparem às respostas individuais e coletivas e discutam como chegaram a tal resposta. Os alunos tinham entre 3 e 5 minutos para responderem sozinhos a questão, anotavam a resposta no gabarito e mais 1 ou 3 minutos para compararem as respostas. Após a discussão em dupla a questão era discutida e corrigida pelo professor.

4.1 A Sequência Didática

Quadro 1 - Aula 1

TEMA: Urbanização, um olhar das Ciências Humanas	
OBJETIVO: Compreender os conceitos urbanos à luz das Ciências Humanas	
SÉRIE: 2ª - EM	PROFESSOR: Alan Ribeiro
CARGA HORÁRIA: 1h/a	
RECURSOS DIDÁTICOS: notebook, datashow, internet, celulares e mentimeter	
<p>MOMENTO 1: APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICA (10 MIN) Supondo que este não é o primeiro encontro com a turma, este momento será de apresentação da a proposta da sequência de didática que será trabalhada, seus objetivos, tema principal, subtemas, atividades a serem realizadas e proposta de avaliação.</p> <p><i>Caso seja o primeiro encontro, o(a) professor(a) realiza uma breve apresentação profissional e pode criar o acordo de convivência com a turma, que será de fundamental importância para o desenvolvimento das atividades.</i></p> <p>MOMENTO 2: O QUE É CIDADE? (15 min) Com o auxílio da ferramenta <i>mentimeter</i>, é solicitado aos alunos que escrevam palavras que estão relacionadas, caracterizam, ou que podem definir o significado de CIDADE. À medida que a turma vai escrevendo, as palavras vão sendo expostas no quadro com o auxílio do computador, notebook e internet.</p> <p><i>Destina-se aproximadamente de 3 a 5 minutos para os alunos escreverem.</i></p> <p>Após a exposição das palavras, refletir com a turma sobre como as palavras que aparecem no quadro estão relacionadas à Cidade.</p> <p><i>Na atividade realizada foi seguida a ordem de repetições das palavras, iniciando da menos indicada para a de maior repetição.</i></p>	

Link do site mentimeter:

<https://www.mentimeter.com/pt-BR>

Link para tutorial do mentimeter:

[TUTORIAL 2024: O USO DO MENTIMETER COMO FERRAMENTA INTERATIVA PARA AULAS - NUVEM DE PALAVRAS.](#)

MOMENTO 3: A URBANIZAÇÃO E O CONCEITO DE CIDADE (25 min)

A partir das reflexões feitas com a análise das palavras indicadas pela turma, é necessário o processo de conceitualização do tema. O desenvolvimento dos conceitos deu-se inicialmente com a discussão sobre Sociologia Urbana, buscando apresentar a área de estudo, suas abordagens e quais elementos compartilha com os demais componentes da área de Ciências Humanas. Logo após foram explanados os conceitos de Urbano, Campo, Município, Cidade, Metrópole, Megalópole, Cidade Global, além de uma reflexão sobre as funções das cidades, discutindo sobre qual a principal atividade socioeconômica de cidades elencadas pela turma.

MOMENTO 4: AVALIAÇÃO

Como primeiro encontro, a avaliação se dar-se-á a partir da participação e interação da turma.

Como proposta de atividade para a aula seguinte é solicitado aos estudantes que escolham uma cidade e indiquem o máximo de elementos possíveis que caracterizam o espaço escolhido, a ser apresentado na próxima aula.

REFERÊNCIAS:

BOVO, M. C.; COSTA, F. B. (Org.). Estudos Urbanos: conceitos, definições e debates. Campo Mourão: Unespar/Fecilcam, 2017. Disponível em: <https://campomourao.unespar.edu.br/editora/documentos/estudos-urbanos.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2023.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

Quadro 2 - Aula 2

TEMA: Das primeiras cidades às megalópoles	
OBJETIVO: Analisar e compreender o processo de transformação e desenvolvimento das cidades.	
SÉRIE: 2ª - EM	PROFESSOR: Alan Ribeiro
CARGA HORÁRIA: 1h/a	
RECURSOS DIDÁTICOS: notebook, datashow, pincéis para quadro branco.	
MOMENTO 1: RETORNANDO À AULA ANTERIOR (15 MIN) Neste primeiro momento é solicitado que alguns alunos apresentem o material produzido a partir das orientações da aula anterior, compartilhando qual a cidade escolhida e quais elementos foram destacados para a mesma, fazendo uma breve explicação sobre as escolhas.	

Ao final é necessário realizar uma reflexão sobre elementos comuns e diferentes a partir da diversidade de escalas e localidades escolhidas.

MOMENTO 2: DAS PRIMEIRAS CIDADES ÀS MEGALÓPOLES - LINHA DO TEMPO (15 min)

Neste momento da aula é entregue diferentes imagens de cidades em épocas e contextos diferentes e solicita à turma que organize uma linha do tempo a partir da observação dos elementos de cada imagem. Algumas imagens são representações em forma de desenho, algumas estarão em preto em branco, outras coloridas.

Após a organização é solicitado aos alunos que justifiquem as escolhas para a organização da Linha do Tempo, buscando destacar elementos da organização do espaço em cada momento histórico.

MOMENTO 3: DAS PRIMEIRAS CIDADES ÀS MEGALÓPOLES (20 min)

Após a explicação da turma para as escolhas da linha do tempo, é o momento da explanação sobre o tema. Utilizando apresentação, com o auxílio do computador e datashow, é explanado o tempo, buscando apresentar algumas imagens distribuídas, explicando seus elementos e contextos históricos, a fim de comparar e organizar a linha do tempo produzida pelos estudantes.

MOMENTO 4: AVALIAÇÃO

A avaliação do encontro se dá por meio da participação dos alunos nas atividades propostas.

REFERÊNCIAS:

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, S.S.; SILVA, J.A.B.; RODRIGUES, A.J. **Um novo estudo sobre a evolução das cidades para o ensino de Geografia**. São Cristóvão-SE, 2013.

Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufis/9757/28/27.pdf> . Acesso em: 24 ago. 2023.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

Quadro 3 - Aula 3

TEMA: Cine-Debate: Problemas Urbanos No Brasil	
OBJETIVO: Refletir sobre os problemas urbanos brasileiro, o déficit habitacional e suas consequências sociais.	
SÉRIE: 2ª - EM	PROFESSOR: Alan Ribeiro
CARGA HORÁRIA: 1h/a	
RECURSOS DIDÁTICOS: notebook, datashow e caixa de som	
MOMENTO 1: RETORNANDO À AULA ANTERIOR (10 MIN)	

No primeiro momento é realizado um resgate sobre a aula anterior, buscando evidenciar, entre os elementos que caracterizam as cidades apresentados pelos estudantes, problemas urbanos que foram sendo listados. E antes de iniciar a exibição foi perguntado aos alunos quem mora em conjuntos habitacionais e se os problemas citados eram percebidos nestes conjuntos. Após breve relato o documentário foi exibido.

MOMENTO 2: CINE-DEBATE: DOCUMENTÁRIO LEVA (40 min)

O documentário LEVA de direção de Juliana Vicente e Luiza Marques, retrata a luta dos movimentos por moradia que atuam na cidade de São Paulo. A produção foi escolhida por ser do conhecimento de que alguns estudantes residem em conjuntos habitacionais ao entorno da escola. vale ressaltar que o material não foi exibido por completo, pois pausas foram realizadas para discussões em determinadas cenas, a partir da solicitação dos estudantes.

link do documentário:

[Leva \(documentário HD - ENG\)](#)



REFERÊNCIAS:

VICENTE, Juliana e MARQUES, Luiza. **LEVA**. YOUTUBE, 13 de março de 2012. 54min53s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xn2um8xhc4o>>. Acesso 11 set. 2023.

Quadro 4 - Aula 4

TEMA: Cartografando O Meu Lugar - Parte 1

OBJETIVO: Refletir, a partir do uso de músicas, sobre espaços praticados e a relação de pertencimento dos estudantes com lugares.

SÉRIE: 2ª - EM

PROFESSOR: Alan Ribeiro

CARGA HORÁRIA: 1h/a

RECURSOS DIDÁTICOS: notebook, datashow, caixas de som e letra das músicas impressas

MOMENTO 1: APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICA (5 MIN)

A partir do percurso realizado nos encontros anteriores, este 4º encontro busca refletir sobre a percepção dos espaços cotidianos aos estudantes. Como que estes se reconhecem inseridos nas diferentes escalas geográficas.

MOMENTO 2: O MEU LUGAR (20 MIN)

Neste primeiro momento serão distribuídos trechos das músicas Meu Lugar (Arlindo Cruz) e Ceará Terra da Luz (Italo e Renno) para que os alunos possam ler de forma aleatória. Mas é importante lembrar de enumerar os trechos para o segundo momento.

Após a primeira leitura fazer as seguintes perguntas:

- 1 - Os trechos são conhecidos pelo grupo?
- 2 - Qual o principal tema dos trechos?

A partir do breve relato, partir para a leitura ordenada dos trechos, após a leitura, reproduzir as músicas, de preferência com a letra projetada para que todos acompanhem.

MEU LUGAR - ARLINDO CRUZ

O meu lugar

É caminho de Ogum e Iansã

Lá tem samba até de manhã

Uma ginga em cada andar

O meu lugar

É cercado de luta e suor

Esperança num mundo melhor

E cerveja pra comemorar

O meu lugar

Tem seus mitos e seres de luz

É bem perto de Oswaldo Cruz

Cascadura, Vaz Lobo, Irajá

O meu lugar

É sorriso, é paz e prazer

O seu nome é doce dizer

Madureira, la-la-ia

Madureira, la-la-ia

Ah, que lugar

A saudade me faz lembrar

Os amores que eu tive por lá

É difícil esquecer

Doce lugar

Que é eterno no meu coração

*E aos poetas traz inspiração
Pra cantar e escrever*

*Ai, meu lugar
Quem não viu Tia Eulália dançar?
Vó Maria o terreiro benzer?
E ainda tem jongo à luz do luar
Ah, que lugar
Tem mil coisas pra gente dizer
O difícil é saber terminar*

*Madureira, ia-la-la-ia
Madureira, la-la-la-ia
Madureira*

*Em cada esquina, um pagode, um bar
Em Madureira
Império e Portela também são de lá
Em Madureira
E no Mercado você pode comprar
Por uma pechincha, você vai levar
Um denço, um sonho pra quem quer sonhar
Em Madureira*

*E quem se habilita, até pode chegar
Tem jogo de ronda, caipira e bilhar
Buraco, sueca pro tempo passar
Em Madureira
E uma fezinha até posso fazer
No grupo dezena, centena e milhar
Pelos sete lados eu vou te cercar
Em Madureira*

*E la-la-la-ia-la-la-ia-la-la-ia
E la-la-la-ia-la-la-ia-la-la-ia
E la-la-la-ia-la-la-ia-la-la-ia (diz aí, gente)
Em Madureira*

CEARÁ TERRA DA LUZ - ITALO E RENNO

*Imagina um lugar tão lindo, todo colorido
Pintado na mais bela tela pelo criador
Imagina o meu lugar dos sonhos o meu paraíso
As cores da felicidade sorrindo pra você*

*Imagina meu porto seguro minha alegria
Eu agradeço todo dia eu tenho amor e paz
Daqui o mundo é tão bonito pode ter certeza
É tanta beleza, não troco por nada
Eu sou feliz demais*

*E o Sol iluminando os corações
E o verde do teu mar que me seduz
A tua maravilha encanta, eu posso me orgulhar*

*Porque eu sou cearense, porque sou brasileiro
Sou apaixonado pelo meu lugar
Eu trago no peito um amor verdadeiro
Eu sou da Terra da Luz, eu sou do Ceará*

Após a segunda leitura fazer as seguintes perguntas:

- 1 - Quais sentimentos ao ler e ouvir os trechos despertaram sobre os locais que eu frequento ou moro (bairro, cidade, estado, país)?
- 2 - Os trechos me ajudam a perceber os locais que frequento com um olhar de pertencimento?

MOMENTO 3: ESPAÇOS PRATICADOS E O LUGAR, CONCEITOS GEO-SOCIOLÓGICOS (25 min)

Após a análise das músicas e reflexões das perguntas, foi realizada a explanação dos conceitos de Espaço Geográfica, Território, Lugar e Espaço Praticado a partir de uma análise sociológica, com contribuições dos Componente Curricular Geografia.

REFERÊNCIAS:

CRUZ, Arlindo e DINIZ, Mauro. **O MEU LUGAR**. Arlindo Cruz. Rio de Janeiro: Sony Music, 2012, Batusques do Meu Lugar.

ITALO E RENNO. **Ceará Terra da Luz**. Fortaleza, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KK_wOUSaPgQ&pp=ygUTY2VhcsOhIHRIcnJhIGRhIGx1eg%3D%3D>. Acesso em 18 set. 2023

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

Quadro 5 - Aula 5

TEMA: Cartografando O Meu Lugar - Parte 2

OBJETIVO: Construir representações cartográficas dos espaços em que os estudantes os apresentam como espaços de pertencimento.

SÉRIE: 2ª - EM

PROFESSOR: Alan Ribeiro

CARGA HORÁRIA: 1h/a

RECURSOS DIDÁTICOS: notebook, datashow, internet, cartolinas, papel ofício,

pincéis, tinta, lápis de cor, canetas coloridas.

MOMENTO 1: RETORNANDO À AULA ANTERIOR (5 MIN)

No primeiro momento é feito o resgate da aula anterior, fazendo memória das músicas e conceitos trabalhados. Após é apresentada a proposta da aula do dia - Cartografar os espaços praticados / meu lugar do bairro e representá-los.

MOMENTO 2: CARTOGRAFIA SOCIAL DO MEU LUGAR (30 min)

Neste momento da aula é explanado o conceito e a proposta da Cartografia Social, sua importância para a ação afirmativa das comunidades e o sentimento de pertença dos indivíduos.

Logo após, com o auxílio do *Google Maps* é apresentado o mapa do Jangurussu, bairro da cidade de Fortaleza, neste momento é solicitado que os estudantes apontem quais locais no mapa podem ser caracterizados como espaços de convivência. A atividade pede que os alunos de forma individual ou em grupo expressem em forma de produção artística (desenho, textos, fotografias) um dos espaços indicados.

MOMENTO 3: A CARTOGRAFIA DO MEU LUGAR (15 min)

O terceiro momento é a avaliação que dar-se-á pela apresentação do material produzido pelos grupos para apresentarem os espaços. A proposta é que o material seja exposto nos corredores da escola para apreciação da comunidade.

REFERÊNCIAS:

CUNHA, Caio Cezar; TEREZINHA ANTONELLO, Ideni. **Cartografia social e mapas afetivos: uma proposta metodológica para as políticas sociais.** *Geographia Opportuno Tempore*, [S. l.], v. 9, n. 2, p. e48840, 2023. DOI: 10.5433/got.2023.v9.48840. Disponível em: <https://www.ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/48840>. Acesso em: 28 set. 2023.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

Quadro 6 - Aula 6

TEMA: Conhecendo A Cidade - Pinacoteca Do Ceará	
OBJETIVO: Visita à Pinacoteca do Ceará	
SÉRIE: 2 ^a - EM	PROFESSOR: Alan Ribeiro
CARGA HORÁRIA: 2h/a	
RECURSOS DIDÁTICOS: Transporte, caderno de campo e canetas.	
VISITA À PINACOTECA DO CEARÁ: Neste encontro, os alunos visitaram o equipamento Pinacoteca do Ceará, localizado no Centro da cidade de Fortaleza. O equipamento faz parte do complexo Estação das Artes, e é considerado um dos mais novos do segmento	

artístico-cultural do estado do Ceará. Inaugurado em 2022, tem como objetivo salvaguardar, preservar, pesquisar e difundir a coleção de arte do Governo do Estado do Ceará, e de artistas locais. As exposições visitadas foram: Bonito para Chover e Negros na Piscina.

Figura 4: Alunos prestigiando a Exposição Bonito para Chover



Fonte: At_Notícias (Jornal do Grêmio Estudantil - EEFM Almirante Tamandaré), 2023

Figura 5: Aluns prestigiando a Exposição Negros na Piscina



Fonte: At_Notícias (Jornal do Grêmio Estudantil - EEFM Almirante Tamandaré), 2023

Quadro 7 - Aula 7

TEMA: Avaliação Parcial - Sociologia Urbana	
OBJETIVO: Avaliar por meio de teste/prova os conhecimentos construídos a partir das reflexões realizadas durante a proposta pedagógica.	
SÉRIE: 2ª - EM	PROFESSOR: Alan Ribeiro
CARGA HORÁRIA: 1h/a	
RECURSOS DIDÁTICOS: impressões da avaliação e gabaritos	
<p>1ª “A cidade tem sido sempre o lugar da liberdade, um lugar de refúgio para os pobres e desenraizados. E para minorias de todos os tipos, que encontraram proteção na cidade [...] A diversidade de origem é uma constante da população das cidades. A cidade tem sido com frequência o espaço da coexistência e da mestiçagem. Isso não foi produzido sem dor e dificuldades. Porém, tem gerado sempre consequências positivas para as áreas urbanas e para o desenvolvimento da cultura em geral. Sempre nas cidades essa diversidade tem sido maior que nas áreas rurais e, maior nas grandes cidades do que nas pequenas. E tudo isso em todas as épocas, países e cultura.”</p> <p style="text-align: right;">(Horacio CAPEL. Los inmigrantes en la ciudad. Crecimiento económico, innovación y conflicto social [Os imigrantes na cidade. Crescimento econômico, inovação e conflito social] In: Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, N.º 3, 1 de mayo de 1997, http://www.ub.es/geocrit/sn-3.htm, acesso em 11 de outubro de 2011, tradução nossa)</p> <p>Considerando o texto é correto afirmar que</p> <p>a) as inevitáveis dificuldades de convivência nas cidades entre os imigrantes e os nativos agravam-se quando a imigração é estrangeira, pois se nacional ela é recebida sem preconceitos, como ocorre na metrópole de São Paulo.</p> <p>b) grandes cidades, quanto mais desenvolvidas, notabilizam-se por terem populações homogêneas do ponto de vista étnico e cultural, isso porque há dificuldades para o desenvolvimento, quando se depende de relações entre pessoas muito diferentes.</p> <p>c) a generosidade na recepção de imigrantes é uma condição que as cidades modernas perderam, na Europa, e também no Brasil, em vista dos encargos que os imigrantes impõem, sem retorno econômico equivalente.</p> <p>d) é da natureza das grandes cidades a diversidade cultural e étnica, visto que não há grandes populações urbanas homogêneas, já que as cidades, em razão de suas múltiplas atividades e possibilidades, têm um poder de atração bastante abrangente.</p> <p>e) o fenômeno migratório gerou nas cidades modernas muita riqueza econômica e cultural, mas atualmente isso não mais ocorre, pois a fase original de povoamento das grandes cidades já foi completada e atualmente elas não comportam novos contingentes populacionais.</p> <p>2ª A vida das pessoas se modifica com a mesma rapidez com que se reproduz a cidade. O lugar da festa, do encontro quase desapareceu; o número de brincadeiras infantis nas ruas diminui — as crianças quase não são vistas; os pedaços da cidade são vendidos, no mercado, como mercadorias; árvores são</p>	

destruídas, praças transformadas em concreto. Por outro lado, os habitantes parecem perder na cidade suas próprias referências. A imagem de uma grande cidade hoje é tão mutante que se assemelha à de um grande guindaste, aliás, a presença maciça destes, das britadeiras, das betoneiras nos dão o limite do processo de transformação diária ao qual está submetida a cidade.

CARLOS, A. F. A. A cidade. São Paulo: Contexto, 2011 (adaptado).

No contexto das grandes cidades brasileiras, a situação apresentada no texto vem ocorrendo como consequência da:

- A) manutenção dos modos de convívio social.
- B) preservação da essência do espaço público.
- C) ampliação das normas de controle ambiental.
- D) flexibilização das regras de participação política.
- E) alteração da organização dos espaços urbanos

3ª

“(...) Da minha cabeça chata, do meu sotaque arrastado
Do nosso solo rachado, dessa gente maltratada
Quase sempre injustiçada, acostumada a sofrer
Mesmo nesse padecer, sou feliz desde menino
Quanto mais sou nordestino, mais orgulho tenho de ser. (...)” Bráulio Bessa

O trecho do poema apresentado acima, representa uma relação subjetiva do indivíduo com o espaço em que vive, tal relação para as Ciências Humanas em especial a Geografia e Sociologia pode ser percebida sob a ótica da categoria de:

- a) Paisagem Humanizada
- b) Região
- c) Lugar/Espaço Praticado
- d) Espaço Geográfico
- e) Território

4ª

“No ambiente festivo e amistoso da feira livre, em que brincadeiras acontecem com frequência, é restituído um pouco do sentimento de solidariedade e simpatia perdida na sociedade moderna. É fato que estes sentimentos não serão legítimos, uma vez que a feira livre está inserida na sociedade moderna e é criação desta. Mas, em contraposição ao ambiente frio e formal dos supermercados, as feiras constituirão um verdadeiro reduto comunitário dentro da cidade de concreto. E menos artificial que os condomínios fechados com parques e lagoas particulares, já que estarão em ambiente aberto, público e espontâneo.”

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea - DOI 10.5216/ag.v2i2.4710. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 72–87, 2008.

DOI: 10.5216/ag.v2i2.4710. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateliê/article/view/4710>. Acesso em: 28 fev. 2025.

No trecho acima a feira livre é apresentada como um espaço de contraposições em suas formas de usos e em seus elementos comerciais. A partir da leitura podemos considerar que a tal composição pode classificar a feira livre como:

- a) um espaço de poder: caracterizado pelos fluxos econômicos, no qual o sistema

financeiro regulamenta as práticas de comércio.

b) um espaço de convívio: caracterizado como espaço destinado ao convívio e lazer dos habitantes de determinada localidade

c) um espaço comercial: caracterizado pelos fluxos comerciais de uma sociedade moderna, a feira apresenta-se como símbolo da economia das cidades.

d) um espaço praticado: caracterizado pela prática comercial, a feira livre também é símbolo do cotidiano, convívio comunitário e expressões culturais de uma comunidade.

e) um espaço marginal: esquecidas pelo poder público as feiras livres perderam seus espaços e influência econômica nos bairros das cidades, não possuindo mais participação na economia local.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

Como instrumento propositivo, sujeito a alterações, e sob influência da dinâmica escolar de cada unidade, em suas oportunidades e desafios, a sequência aqui apresentada, buscou a partir da aplicação de diferentes metodologias, contribuir para o desenvolvimento do tema Sociologia Urbana e refletir sobre a percepção da cidade a partir do cotidiano, como produto das experiências individuais e coletivas, podendo ser categorizada como *Espaços Praticados*.

A compreensão de conceitos próprios do componente Sociologia e comuns à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; as reflexões sobre a realidade juvenil em nosso país, confrontando com a realidade local; a participação dos estudantes durante as interlocuções nas aulas; a apreensão do espaço do cotidiano e suas subjetividades; o interesse em conhecer novos equipamentos culturais, foram algumas das observações aferidas durante a aplicação da proposta, ficando assim avaliada como satisfatória e disponibilizada como instrumento metodológico para novas experiências do Ensino de Sociologia.

5 REFLEXÕES SOBRE A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Como apresentado durante o desenvolvimento deste trabalho, a proposta temática para esta sequência didática se deu por diferentes motivos, entre eles as orientações das propostas curriculares vigentes BNCC e DCRCs em que abordam o tema da Urbanização, a percepção da falta de conhecimento sobre a cidade e o bairro, por parte dos estudantes, e o interesse do professor em desenvolver novas metodologias para a temática, a fim de potencializar o processo de ensino e aprendizagem do componente de Sociologia.

Nesta seção irei descrever as metodologias aplicadas, refletindo sobre os processos desenvolvidos e apresentando dificuldades e pontos satisfatórios durante a execução da sequência didática.

5.1 AULA 1 - Urbanização, um olhar das Ciências Humanas

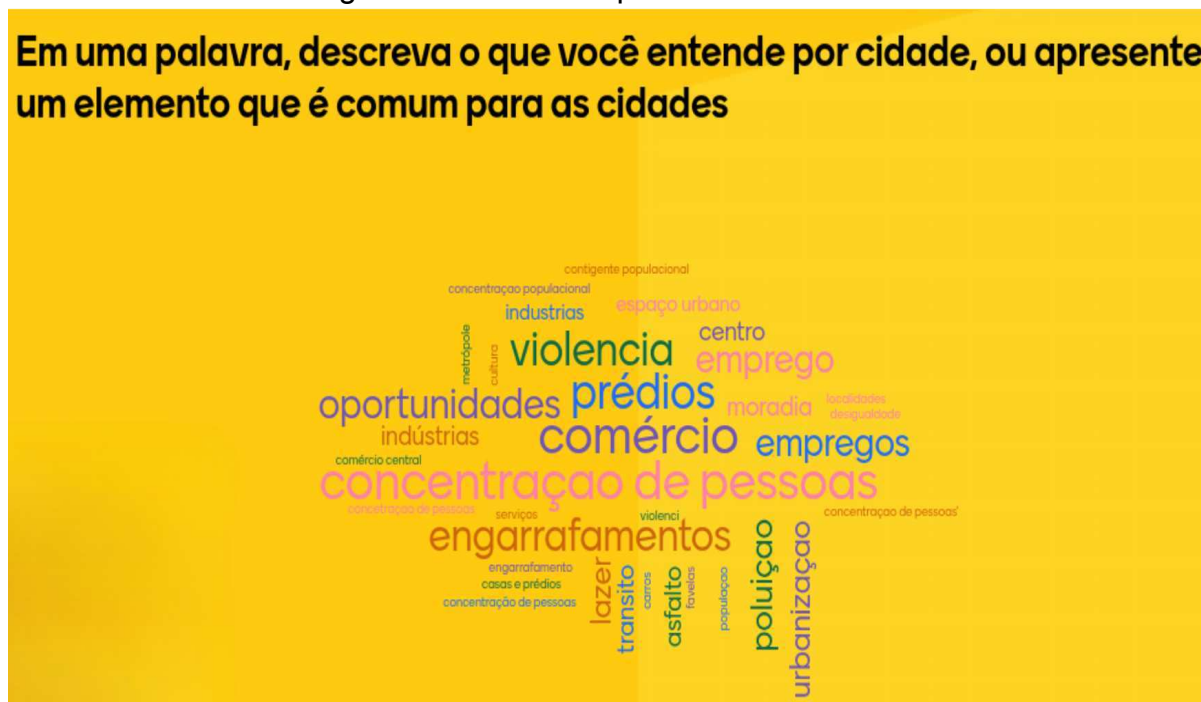
Com o tema “Urbanização, um olhar das Ciências Humanas”, a primeira aula da sequência possui o objetivo de “Compreender os conceitos urbanos à luz das Ciências Humanas”. A proposta é apresentar conceitos básicos sobre urbanização para as turmas, tomando como base autores e organismos oficiais.

A aula, planejada para turmas de 2ª série do Ensino Médio, inicia com a apresentação da proposta da sequência, a ser trabalhada durante 1 bimestre letivo. Na ocasião é explicado de maneira geral o cronograma de aulas, propostas de atividades, possibilidades de aulas em campo, formato de avaliações, entre outras questões. Neste momento sempre surge algum comentário por parte dos estudantes do tipo: “Professor, sem seminário, por favor”. A prática de apresentações em equipes é sempre temida pelos alunos. Apesar de ser uma metodologia bastante interessante, nesta proposta de sequência, não foi utilizada. Durante a apresentação da sequência, também surgem diversas perguntas sobre as aulas em campo, se é o dia todo, se terá lanche, se precisa ou não pagar o ônibus, se será para a praia, se terá aula no dia, se é obrigado a ir, enfim, cria-se uma grande expectativa sobre a prática.

Após o momento de apresentação da proposta e cronograma, deu-se início a aula. Solicitando aos estudantes que direcionassem os celulares para o código-QR no quadro e respondessem o comando: “Em uma palavra, descreva o

que você entende por cidade, ou apresente um elemento que é comum para as cidades”. A partir das respostas dos alunos, é feita a análise das palavras elencadas. Na aula foram escolhidas as palavras de maior destaque, as que receberam maior número de respostas. Nesta análise, é feita a relação da palavra com características da cidade, motivando aos alunos que indicaram, participarem justificando suas escolhas.

Figura 6: Tela de Respostas - *Mentimeter*



Fonte: Elaborada pelo autor, 2023

A imagem acima é o resumo das palavras citadas pelas turmas como características comuns para as cidades. Foram realizados 156 registros. Comércio apareceu em 34 respostas (21,79%), concentração de pessoas em 31 (19,87%), prédios em 21 (13,46%) violência em 18 (11,53%), engarrafamentos em 16 (10,25%), emprego(s) em 13 (8,3%), oportunidades em 11 (7,05%) e as demais palavras em 12 respostas, representando 7,3%.

É importante lembrar que como as palavras vão surgindo de forma simultânea às respostas, muitas sofrem “efeito manada”, no qual os colegas vão reproduzindo suas respostas a partir das primeiras palavras expostas.

O próximo momento da aula é apresentação de conceitos básicos para a temática: cidade, município, território, espaço urbano, urbanização, entre outros.

O objetivo é o desenvolvimento de conhecimentos a partir da territorialização dos espaços e refletir sobre o processo de uso e ocupação dos mesmos, buscando compreender como os diferentes modos e ritmos de sociabilidade entre os indivíduos contribuíram para a estruturação do espaço urbano, buscando perceber características comuns entre eles e suas especificidades.

Como processo de avaliação da aula, foi utilizada a participação dos estudantes na atividade utilizando o *mentimeter* e discussões durante a aula.

5.2 AULA 2 - Das primeiras cidades às megalópoles

A aula 2 com o tema: “Das primeiras cidades às megalópoles”, possui como tema: Analisar e compreender o processo de transformação e desenvolvimento das cidades. A proposta tem como principal ferramenta metodológica o uso de imagens para auxiliar nas reflexões sobre o surgimento e evolução das cidades, elencar semelhanças e especificidades na organização do espaço e relações sociais em diferentes épocas.

Durante a aula foram apresentadas as imagens a seguir, buscando representar diferentes contextos de organização do espaço, relações sociais e atividades econômicas desenvolvidas. A atividade iniciou disponibilizando cada imagem para um aluno diferente e para estes foi solicitado que criassem uma linha do tempo, organizando de acordo com seus conhecimentos e/ou compreensão. Cada aluno colocava sua imagem na sequência que acreditavam ser a correta. Ao chegarem a um consenso, pedia-se que o grupo justificasse a escolha da ordem. Geralmente as escolhas se davam pelo nível de organização arquitetônica das cidades.

Após a justificativa as imagens eram projetadas no quadro e a cada imagem exibida era solicitado à turma uma breve caracterização dos elementos percebidos, buscando relacioná-los com as discussões da aula anterior.

Figura 7: Recriação da Babilônia



Recriação da Babilônia com seus jardins e seu portal de entrada azul (abaixo, à direita)

Fonte: Toda Matéria

A exibição da imagem acima, recriação da Babilônia, tinha como objetivo a reflexão sobre o poder de civilizações antigas em organizar o espaço, desenvolver economias e construir grandes templos e cidades. Mas a discussão partia a partir do relato dos alunos.

Nesta imagem alguns estudantes relataram sobre elementos arquitetônicos (grandes construções, grandes muros ao entorno da cidade, palácios gigantescos), sobre a mão de obra utilizada (mão de obra escravizada, população mais pobre, prisioneiros de guerra, entre outros). Alguns alunos questionavam a existência dessas grandes estruturas na antiguidade. Era relatando também sobre os custos de manutenção das estruturas físicas e sociais no modelo apresentado.

Em uma das turmas, uma aluna lembrou da descrição do Império Babilônico descrito na Bíblia, do seu poder de guerra, de forte economia, mas que segundo o livro, a cidade foi “amaldiçoada” por ter destruído Jerusalém. Na ocasião foi necessário comentários sobre a queda do Império Babilônico, assim como demais impérios antigos, como sobre a cidade de Jerusalém, outra grande estrutura para a época.

Figura 8: Recriação cidade portuária - Primeira Revolução Industrial



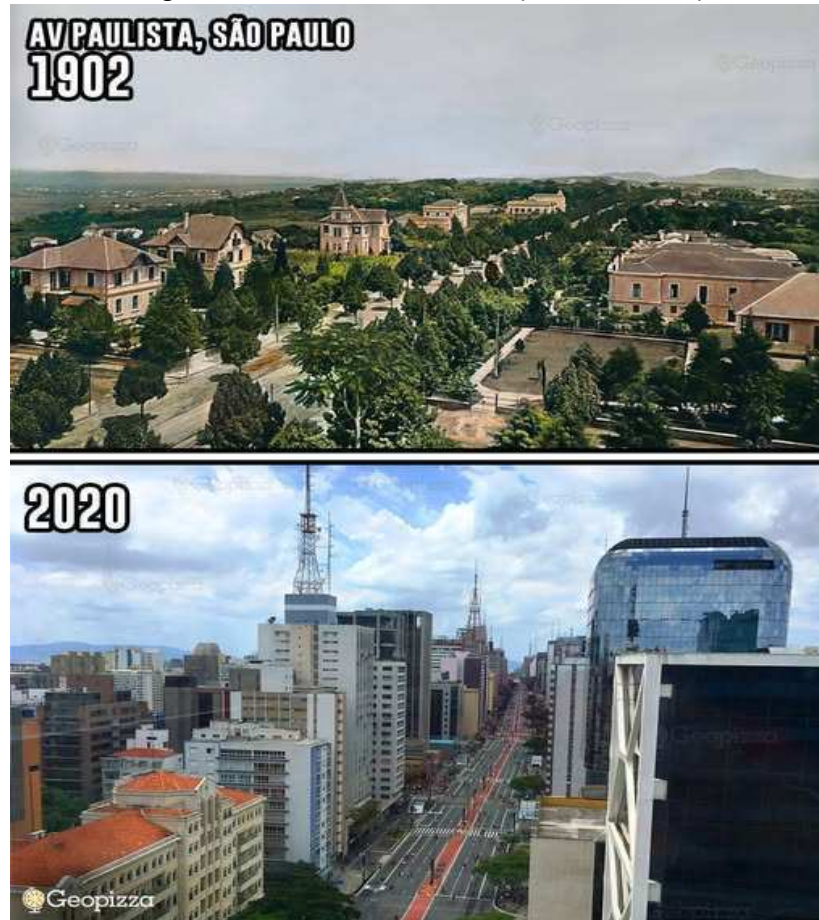
Fonte: Google Imagens

Na segunda imagem utilizada, recriação de uma cidade portuária durante a Primeira Revolução Industrial, partindo da análise dos estudantes, buscava-se a caracterização das cidades durante o período, relacionando com o desenvolvimento da nova atividade econômica e novos padrões de organização.

Relatos do nível de poluição a partir das chaminés, do cenário escurecido, sujo e poluído, da concentração de embarcações, do grande número de galpões e fábricas.

Para esta imagem foram realizados comentários sobre o processo de êxodo-rural intensificado com as mudanças socioestruturais das cidades, tornando-as locais de atração de mão de obra, a partir das transformações no processo produtivo da Primeira Revolução Industrial. Foi também realizada a explanação sobre o crescimento desordenado e seus problemas de moradia, saúde pública, concentração da pobreza em determinadas áreas, reorganização de áreas centrais antes destinadas à moradia e ao comércio, passaram a ser áreas de fábricas, ocasionando também a saída de residentes da região para áreas ao entorno, entre outros.

Figura 9: Avenida Paulista (1902 - 2020)



Fonte: Geopizza (Facebook)

A imagem acima foi utilizada para discussão sobre as transformações socioespaciais a partir do processo de urbanização. A cidade de São Paulo foi escolhida para aproximar o contexto da realidade das turmas, trazendo a escala nacional para o debate.

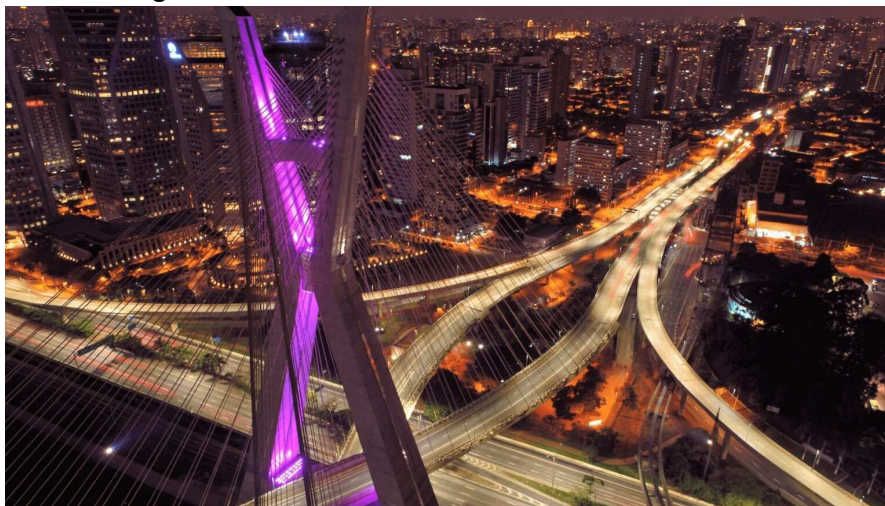
Como apontamento dos estudantes, o relato mais comum é o da retirada da vegetação para espaço ao concreto, alguns alunos comentaram até sobre como a cidade se tornou sem cor com a construção dos prédios. Comentários sobre a mudança do ritmo na vida das pessoas, sendo hoje mais acelerado, como se todos estivessem com pressa. Sobre os constantes engarrafamentos e níveis de poluição acompanhados em noticiários ao descreverem a cidade de São Paulo.

Surgiram também relatos sobre a importância econômica da cidade para o Brasil, concentração de investimentos, setores de serviços, oferta de emprego e oportunidades para o mercado financeiro e digital.

Na ocasião foi contextualizado o processo histórico de desenvolvimento da cidade, do estado de São Paulo e da região Sudeste do País, partindo desde o período colonial com a produção de café, transição e desenvolvimento da produção industrial e modernização do espaço, dando destaque à influência política da região. Assim como a cidade recebeu grande contingente migratório em meados do século XX sob influência dos investimentos para a industrialização.

A imagem a seguir foi apresentada para dar destaque ao resultado da urbanização e verticalização da cidade de São Paulo, apresentando uma visão noturna a partir da Ponte Estaiada.

Figura 10: Ponte da Estaiada, São Paulo - SP



Fonte: Google Imagens

Figura 11: Nova Delhi, Índia



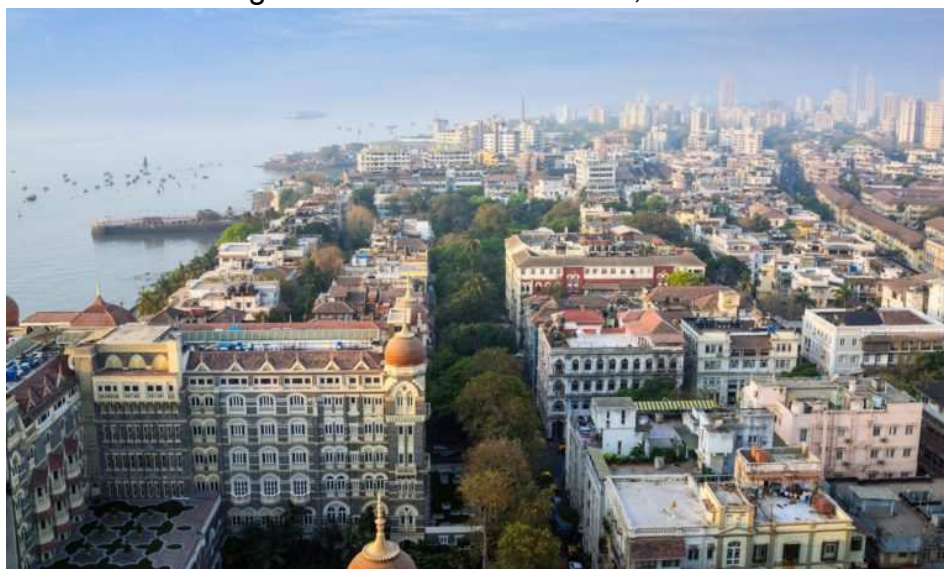
Fonte: Google Imagens

A imagem acima foi apresentada para a turma e perguntou-se qual região do mundo os estudantes associaram. A resposta foi quase unânime: Índia. Comentários sobre o trânsito caótico, baixos níveis de higiene, moradias precárias, concentração da pobreza. Relatos influenciados principalmente a partir de vídeos da internet em que pessoas indianas preparam alimentos no comércio de rua.

Perguntas sobre economia, poder político mundial, contingente populacional foram feitas, mas de maneira geral as turmas não conseguiram dar informações.

Como início para os questionamentos foi apresentada a imagem a seguir

Figura 12: Bombaim/Mumbai, Índia:



Fonte: Google Imagens

A imagem anterior apresenta uma vista aérea de Bombaim ou Mumbai, na Índia. A cidade considerada capital financeira do país, pólo de concentração de investimentos e sede de escritórios de multinacionais. O objetivo da imagem é apresentar um cenário indiano pouco conhecido, saindo dos estereótipos das redes sociais e contextualizar sobre a importância do país no contexto geopolítico mundial.

As duas próximas imagens (Maracanaú e Fortaleza) foram escolhidas para regionalizar o debate sobre o processo de urbanização, organização do espaço e relações socioeconômicas. Ao apresentar as imagens foram realizadas as seguintes perguntas: a. Você conhece esta cidade? b. Qual a principal característica

da cidade? c. Qual a principal atividade econômica? d. A imagem apresenta uma realidade para todo o território da cidade?

Figura 13: Parque Industrial de Maracanaú-CE



Fonte: Diário do Nordeste

A imagem acima apresenta o Parque Industrial da cidade de Maracanaú, Ceará. A cidade localizada há cerca de 25km do centro de Fortaleza, capital do estado, faz parte da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), possui 46 anos de emancipação e é considerada um dos principais pólos econômicos do estado, tendo como sua principal atividade a produção industrial. A cidade foi escolhida para contextualizar o desenvolvimento industrial do estado do Ceará, relacionando-o com o processo brasileiro e caracterizando o atual estágio.

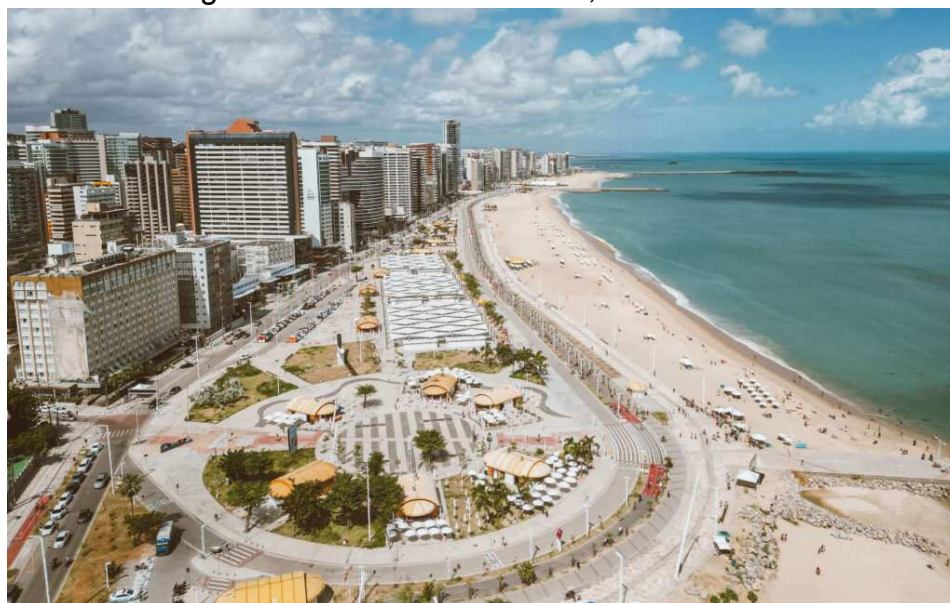
A partir das perguntas citadas anteriormente, poucos alunos conseguiram indicar qual a cidade representada, sendo necessárias outras informações como: Faz parte da Região Metropolitana de Fortaleza; possui a indústria como principal atividade; tem um grande festival junino, entre outras.

Ao indicar que cidade compõe e RMF e que possuía a indústria como principal atividade econômica, o nome do município de Itaitinga era bastante citado. Itaitinga também faz parte da RMF e na última década passou a se caracterizar como um dos principais pólos de galpões de logística do nordeste, recebendo empresas como Amazon, Mercado Livre e LOG, entre outras. Itaitinga foi geralmente citada por ter seus limites territoriais mais próximos à área da escola.

Foi necessário então contextualizar as transformações industriais ocorridas no Ceará nas décadas finais do século XX, na qual cidades da RMF, como

Maracanaú, passaram a ofertar maiores incentivos fiscais e tornaram-se pólos de investimento do capital industrial nacional e internacional, como Vicunha Têxtil, Coca Cola, Karsten, entre outras. E que a partir da demanda por melhores condições de infraestrutura e logísticas, outras cidades vizinhas passaram a receber tais investimentos, como Itaitinga.

Figura 14: Avenida Beira Mar, Fortaleza-CE



Fonte: Segue na Viagem

E por fim, a imagem acima foi apresentada. Retratando a cidade de Fortaleza, foi de fácil reconhecimento. É importante ressaltar que Fortaleza é uma cidade mais antiga que Maracanaú, mas a ordem cronológica foi alterada com o objetivo de gerar maior participação dos estudantes por Fortaleza ser a cidade de moradia. Como principais características apresentadas tivemos: o crescimento vertical, reformas na orla como ampliação da faixa de praia, reforma na Ponte Metálica, novo Mercado dos Peixes, entre outras. Eventos na faixa de praia foram citados como oportunidade de lazer por serem gratuitas (corrida ao ar livre, música ao vivo em determinadas áreas da faixa, práticas esportivas como vôlei de praia, altinha, beach tênis, entre outras), assim como shows organizados pelos governos municipais e estaduais com a participação de artistas locais e nacionais.

Neste momento eu perguntava se de maneira geral os estudantes frequentavam o espaço e participavam das atividades elencadas. Muitos responderam que não, justificando por motivos de distância, a dificuldade de transporte e conciliação de horários, pois a maior parte das atividades seriam a

noite, terminando em horários de menor oferta de transporte público, insegurança nos mesmos, pois o número de usuários diminui, e em transportes por aplicativo o maior valor cobrado.

Alunos que responderam que costumam frequentar indicaram que costumam ir entre 1 a 4 vezes no mês, geralmente aos fim de semana e acompanhados por um grupo, pois se sentem mais seguros. Os horários de preferência são aos sábados entre tarde e noite (16h às 20h) e aos domingos pela manhã.

Sobre as atividades econômicas, o Turismo e o Comércio ganharam destaques. Alunos relataram a procura por Fortaleza durante o período de férias e alta estação com destaque para o turismo internacional, assim como as grandes feiras de confecção no centro da cidade, que atraem público de diversas cidades do Nordeste.

E com a “simples pergunta”: *Este cenário da foto representa a totalidade da cidade?*. Iniciamos os relatos, por parte dos estudantes, dos diversos desafios e problemas enfrentados por Fortaleza e grandes centros urbanos.

Os primeiros relatos são sobre infraestrutura das ruas e avenidas. Foi comum durante as aulas comentários como:

“A rua lá de casa nem calçamento tem ainda”. Para indicar que as ruas de residência não possuem pavimentação em paralelepípidos, realidade de muitos bairros periféricos em Fortaleza, contrastando com a pavimentação asfáltica na foto.

“Na avenida tem asfalto, mas a CAGECE quebra tudo”. Comentário comum sobre os serviços de drenagem e esgotamento realizado pela Companhia de Água e Esgoto do Ceará, na qual é comum a demora na reposição do asfalto após os serviços.

“Lá na rua é uma escuridão grande”. Relato sobre a problemática de iluminação em bairros da periferia da cidade na qual a iluminação pública utiliza lâmpadas halógenas de tonalidade amarelada, não sendo eficiente para a iluminação das vidas. Ocasionalmente o sentimento de insegurança no bairro, problema potencializado pelo convívio com consumo e comércio de drogas ilícitas, práticas de

abordagem policial truculentas, dificuldade de circulação entre bairros devido à organizações criminosas, entre outras questões, foram aparecendo como problemas cotidianos.

Para direcionar a discussão, eu apresentava outra pergunta: “Em nosso bairro temos as mesmas oportunidades de lazer que encontramos na foto?”. E a resposta era unânime: NÃO.

Em seguida, era feita a pergunta: “Quais equipamentos de lazer temos em nosso bairro?”. Espaços como Cuca Jangurussu², Areninha³ do Tamandaré, Campo do Lions, Praça do Tamandaré, Avenida Bulevar III⁴, e Feira do Jangurussu, eram espaços indicados como os de sociabilidade, práticas esportivas e de lazer.

Para os estudantes o Cuca possui sua importância como equipamento de acesso ao esporte - futsal, vôlei e natação, e à culturais - batalha de rima e bailes de reggae. A areninha do Tamandaré e o Campo do Linos foram citados como espaços de prática de futebol. A praça do Tamandaré como espaço de sociabilidade, pois a oferta de barracas de comidas de rua atrai um bom número de visitantes e por fim, a Feira do Jangurussu e a Avenida Bulevar III como espaço de comércio informal no qual alguns alunos relataram trabalhar em barracas ou quiosques.

Como avaliação da aula foi considerada a participação dos estudantes. Ao final do encontro foi solicitado às turmas que os alunos tirassem fotos dos ambientes citados, pois serão parte de atividades das próximas aulas.

² Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCAs), são equipamentos públicos mantidos pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, voltados para jovens e oferecendo diversas atividades culturais, esportivas e de formação. Atualmente existem três CUCAs, o CUCA Barra, localizado no bairro Barra do Ceará; o CUCA Mondubim, localizado no bairro Mondubim e o CUCA Jangurussu, localizado no bairro Jangurussu, bairro de residência dos estudantes da EEFM Almirante Tamandaré.

³ As Areninhas são equipamentos multifuncionais em formato de campo de jogo society com grama sintética, alambrados e rede, vestiários com banheiros, acessos pavimentados e torres de iluminação. Os equipamentos possuem administração comunitária para organização de horários das práticas esportivas.

⁴ A avenida Bulevar III é um importante corredor gastronômico do bairro Jangurussu, oferecendo pizzarias, hamburguerias, espetinhos e churrascarias, além de música ao vivo em diferentes estabelecimentos no mesmo dia. Possui destaque por captar mão de obra temporária dos jovens do bairro.

5.3 AULA 3 - Cine-Debate: Problemas Urbanos No Brasil

A terceira aula teve como metodologia o Cine-Debate, a partir da exibição do documentário *LEVA*. Sob direção de Juliana Vicente e Luiza Marques, o documentário de aproximadamente 50 minutos, retrata a luta dos movimentos por moradia que atuam na cidade de São Paulo. Pela ótica dos moradores das ocupações, apresenta a organização da luta, o processo de revitalização dos espaços ociosos e a construção do coletivo como agente de transformação.

O objetivo da aula era refletir sobre a problemática do déficit habitacional nas cidades, a importância das políticas públicas de moradia, a luta dos movimentos sociais e o cotidiano de quem mora nessas habitações. A escolha do tema e do material exibido se deu a partir da percepção de que alguns alunos residiam em conjuntos habitacionais em bairros vizinhos à escola.

A escolha de um material audiovisual, documentário, surge sob influência do trabalho de Rocha (2020) *A Sociologia vai ao Cinema: O uso do Audiovisual como Recurso Didático na aula de Sociologia*⁵, no qual apresenta que o recurso audiovisual possibilita ao estudante a interpretação e reflexão sobre determinada realidade social, articulando arte e ciência, e contribui para o desenvolvimento da imaginação sociológica. E que tal recurso pode ser potencializado a partir da mediação do professor.

Antes de iniciar a exibição, orientei as turmas sobre a possibilidade de intervenções durante o documentário. À medida que estudantes levantavam a mão, parávamos o filme e fazíamos a mediação da pergunta ou comentário. Reforcei que não aceitaria nenhum tipo de risos e/ou chacota sobre qualquer intervenção dos colegas, como não iria tolerar intervenções a fim de atrapalhar a aula.

Nos primeiros minutos do documentário, alguns entrevistados comentam sobre o processo de ocupação dos prédios em que residem, logo surgiram dúvidas sobre a legalidade de tal ato. A maioria dos estudantes durante a intervenção utilizaram o termo invasão. Neste momento foi realizada uma breve explicação

⁵ Pesquisa apresentada como dissertação para obtenção do título de Mestre no programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) da Universidade Federal do Ceará no ano de 2020.

sobre as diferenças entre os termos invasão e ocupação e sobre a jurisdição sobre os atos com base na legislação brasileira.

No decorrer do documentário, uma das lideranças do movimento, explicava sobre a organização das ocupações, divisão das tarefas entre os moradores, calendário de mutirões de limpezas, regras de boa convivência, entre outras situações. Um dos relatos, uma moradora explicou sua função de porteira do prédio, fiscalizando se tem autorização ou não para entrar. Neste momento, alguns estudantes, que residem em conjuntos ou no entorno, comentaram sobre a problemática da insegurança em tom humorado: “Lá no conjunto é do mesmo jeito, os meninos também fazem o controle”.

O comentário se dá ao fato de organizações criminosas instaladas em alguns bairros possuem a prática de escrever em muros da região ordens de parada para identificação, assim como para o motorista abaixar os vidros do carro ou tirar o capacete. Além da situação da proibição da transição entre áreas rivais, mesmo para moradores comuns, sem nenhum tipo de envolvimento com os grupos.

Um outro relato sobre a insegurança foi sobre o não planejamento em separar famílias originalmente de áreas rivais em determinados blocos evitando o confronto armado, como situações de arrombamento de residências. E ainda sobre o tema foi comentado sobre a situação das ações policiais de forma truculenta nestes conjuntos, em situações com ordem de recolhimento, como o de confronto armado, deixando os moradores em situação de perigo.

Vale ressaltar neste ponto, que é comum nos períodos de conflito, alunos que residem nestes conjuntos, solicitarem autorização para saírem mais cedo da escola com receio de se deslocarem à noite. O pedido parte dos alunos do turno tarde, os alunos da noite geralmente faltam nestes períodos.

Outros problemas estruturais foram citados como a dificuldade de serviços básicos nos conjuntos ou próximo, como transporte coletivo, não possuem rota de ônibus que atenda a população, necessitando um maior deslocamento, dificuldade de acesso aos transportes por aplicativo, devido ao receio dos motoristas em transitar nestas áreas, acesso à saúde e educação, pois os equipamentos são em bairros vizinhos e existe uma necessidade de escolher um

equipamento que não seja em área rival, pois como já falado, a população comum tem receio com a insegurança devido aos conflitos entre os grupos.

Durante o vídeo, algumas lideranças dos movimentos citados, vão explicando a organização dos movimentos, as ações para ocupação, as reivindicações junto à órgãos competentes sobre a pauta da habitação, e conta um pouco da história dessas lideranças, suas carreiras, seu engajamento com o movimento, entre outros pontos, com o objetivo de desmistificar o senso comum sobre agentes de movimentos sociais, popularmente considerados como desocupados, desordeiros, etc.

Aproveitava o momento para questionar as turmas sobre se aquelas pessoas mostradas, deveriam ser chamadas como desocupadas, e se alguém conhecia alguma pessoa envolvida em algum movimento social, para a mesma análise, como também se os moradores de tais conjuntos estariam dentro do mesmo perfil traçado pelo senso comum. E as respostas de maneira geral é em tom de surpresa positiva, pois desconheciam a organização dos movimentos e sua seriedade na luta por moradia. Uma aluna comentou que conhecia alguém da articulação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) com atuação na área do Jangurussu, em Fortaleza.

Em nenhuma das turmas o documentário conseguiu ser exibido por completo, devido sua duração de 50min, mesmo período da hora/aula, e pela metodologia adotada de permitir pausas para comentários. Sendo necessário avançar partes do material. Como o material está disponível no Youtube, foi recomendado a visualização completa.

E como parte final a ser exibida, temos uma ação dos coletivos em ocupar um prédio abandonado no centro de São Paulo. O documentário mostra toda a reunião de concentração na qual é explicada a estratégia da ação, o processo de organização das famílias nos ônibus até o prédio e o processo de derrubada da parede para ocupação do prédio.

É importante ressaltar que o uso das tecnologias em sala de aula está sujeito às questões de ordem técnica (disponibilidade dos equipamentos, de internet, energia elétrica...). Na atividade preferi baixar o documentário, pois o

mesmo está disponível na plataforma Youtube, para minimizar os problemas de conexão durante a exibição. Em algumas turmas precisei pedir uma maior colaboração da turma em relação ao silêncio, pois a caixa de som disponível não era tão potente, e para melhor inteligibilidade do áudio, também foi necessário desligar alguns dos ventiladores, o que causa reclamação dos estudantes pelo calor.

Ao final da exibição, mesmo com pouco tempo para finalização da aula, busquei fazer uma breve reflexão com as turmas, geralmente iniciava com a pergunta: “E agora, vocês acham que a organização do movimento é correta?”.

De maneira geral os alunos não conheciam o movimento. Alguns estudantes relataram que tinham entendido a luta por moradia, que se surpreenderam com o nível de organização, mas que não concordavam com a ação da ocupação, de maneira geral alegando que os proprietários dos prédios, mesmo que fechados ou abandonados, não possuem culpa pelo déficit habitacional. Outro grupo de alunos relatou que achava justa a luta por moradia, que concordam com o processo de ocupação de imóveis desocupados como forma de pressionar o governo por políticas habitacionais.

Ao fim da reflexão a aula foi dada por encerrada.

5.4 AULA 4 - Cartografando O Meu Lugar - Parte 1

Com o objetivo de refletir sobre a relação de pertencimento dos estudantes com locais de convívio cotidiano, os espaços praticados, a aula quatro traz como ferramenta metodológica o uso de músicas durante as aulas de Sociologia.

Durante a aula utilizamos duas canções: *Meu Lugar*, Arlindo Cruz e *Ceará Terra da Luz* Italo e Renno. As obras foram escolhidas por apresentarem relações cotidianas e o sentimento de pertença dos indivíduos com o espaço em que convivem.

As letras foram divididas em pequenos trechos para que os alunos lessem de forma aleatória. Em cada trecho, no verso, coloquei uma ordem numérica

para que em outro momento fosse feita a leitura ordenada (A1, A2... para a música de Arlindo Cruz e B1, B2... para a de Italo e Renno)

Após a primeira leitura, de forma aleatória, perguntei às turmas se os trechos eram conhecidos, se sabiam qual música ou artistas pertenciam. A maior parte não conhecia a música de Arlindo Cruz, mas muitos conheciam a de Italo e Renno, por serem artistas locais, mas principalmente pela obra ter sido utilizada como tema de emissoras locais de TV e propagandas.

A segunda pergunta foi: Qual o principal tema dos trechos? Geralmente as respostas apresentavam os nomes dos locais, e do que estes apresentavam como características. Nenhum relato em relação ao sentimento de pertencimento.

No segundo momento, solicitei aos estudantes que estavam com os papéis, que observassem a numeração no verso e se ordenassem para uma nova leitura. Após a leitura, coloquei a canção para tocar e projetei a letra para que todos acompanhassem. Em seguida, fiz as seguintes perguntas às turmas:

1 - Quais sentimentos ao ler e ouvir os trechos despertaram sobre os locais que eu frequento ou moro (bairro, cidade, estado, país)?

2 - Os trechos me ajudam a perceber os locais que frequento com um olhar de pertencimento?

A obra *Ceará Terra da Luz* possuiu um maior número de comentários, como já citado, por ser mais conhecida, ficou mais fácil de os estudantes conseguirem relacioná-la com as perguntas. Comentários sobre o orgulho de ser cearense devido suas belezas naturais (praias, serras, sertões), por sua cultura (festas, comidas), por seus artistas (diferentes segmentos musicais foram citados, assim como atores, atrizes e comediantes). Em uma das turmas, uma aluna, levantou a discussão sobre a necessidade de reafirmar a cultura cearense/nordestina como forma de combate à xenofobia. Outros colegas ressaltaram a importância do turismo para a economia do estado como forma também de valorização das belezas naturais e cultura. Um colega comentou: *“Eu moro onde todo mundo quer passar as férias, eu também não vou à praia, mas moro”* (comentário sobre a dificuldade de frequentar a praia, mesmo morando em uma cidade litorânea

A obra *Meu Lugar* teve um menor número de comentários sobre, mas alguns foram bastante interessantes. Uma aluna comentou sobre como ela se imaginou dentro da música, como se estivesse descendo o morro, passando por diferentes ruas, cumprimentando as pessoas que estavam na calçada das casas, bares, parada de ônibus, etc.” e como este cenário a fazia lembrar de sua rua, na qual os vizinhos ainda costumavam sentar na calçada de casa, na bodega de um outro vizinho e aproveitavam para jogar baralho, as crianças brincando na rua. *“Eu lembrei da minha rua professor, apesar de ser perigoso, muita gente ainda fica na calçada conversando, falando da vida do povo, os meninos correndo na rua, os ‘veí’ bebendo e jogando baralho. Toda noite é assim”*

Um outro colega comentou sobre “seus mitos e seres de luz” presente na obra de Arlindo Cruz. Relatou que em frente à sua residência existia um Centro de Umbanda, na qual toda semana tinha festa, sempre lotadas, com muita música. “Professor, é a noite quase toda eles cantando, batendo os tambores. E olha que é só carrão chegando.” Ressaltou o detalhe dos carros com maior valor de mercado para também apontar que eram carros desconhecidos da vizinhança, sendo então, de moradores de outros bairros.

Após a explicação com a ajuda da ferramenta *Google Maps*, é projetado o território do bairro, em nosso caso o bairro Jangurussu, localizado na cidade de Fortaleza-CE, e solicitado aos estudantes que indiquem quais espaços podem ser compreendidos como Espaço Praticado. A proposta inicial seria para que os alunos fossem justificando suas escolhas, mas de maneira geral a etapa de análise das músicas e discussão dos conceitos demorou mais que o previsto.

Os pontos foram citados e marcados na ferramenta *Google Earth*, em algumas turmas conseguimos selecionar os pontos de maneira síncrona, em outras a internet não estava com conexão estável, não permitindo a marcação dos pontos. Em momento de planejamento foi realizada a devida identificação dos pontos a serem apresentados na aula seguinte, na qual também será feita a justificativa das escolhas para que tais pontos pudessem ser classificados como espaços de pertencimento.

5.5 AULA 5 - Cartografando O Meu Lugar - Parte 2

A aula iniciou com o resgate da aula anterior, sobre os conceitos trabalhados e sobre a atividade de apontamento dos espaços de pertencimento. Como citado, de maneira geral, não foi possível fazer os apontamentos e as justificativas para que tais espaços fossem indicados a partir dos conceitos de espaço praticado e lugar. Assim, durante o momento de recordação da aula anterior, a imagem a seguir foi apresentada. Na imagem são apresentados os polígonos do Bairro São Cristóvão, em azul, e do Conjunto Almirante Tamandaré, em amarelo. E foram destacados os locais indicados pelos estudantes como locais de pertencimento.

Figura 15: Representação dos Espaços Praticados dos Estudantes da EEFM ALMIRANTE TAMANDARÉ



Fonte: Elaborada pelo autor, 2023

Os pontos destacados no mapa, foram os que mais se repetiram durante a aplicação da atividade. Temos o Cuca Jangurussu, a EEFM Almirante Tamandaré, Areninha do Tamandaré, Areninha do Lions, Praça do Tamandaré e Centro Nazareno de Artes Marciais. Outros pontos foram citados, mas sem destaque entre as turmas, por isso não foram marcados.

O Cuca do Jangurussu (Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte), é um equipamento público sob a administração da Prefeitura Municipal de

Fortaleza. Localizado na Av. Castelo de Castro, esquina com a Av. Contorno Leste, s/n, bairro Jangurussu. O centro atende jovens do bairro, como de localidades vizinhas, ofertando práticas esportivas e culturais de natação, futsal, vôlei, judô, karatê, ballet, teatro, cursos de informática, etc.

Figura 16: Fachada do Cuca Jangurussu



Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza

O equipamento ganha destaque por ser para os estudantes espaço de sociabilidade, lazer, acesso a educação e cultura. Muitos dos estudantes participam ou já participaram das atividades oferecidas pelo centro.

Outro ponto de destaque no mapa é a Escola Nazareno Ferreira de Jiu Jitsu. Inaugurada em 2017 pelo Professor Nazareno Ferreira, faixa preta na modalidade, a escola atende jovens do Jangurussu, principalmente do Conjunto Tamandaré. Possui importância pois diversos estudantes da EEFM Almirante Tamandaré praticam a modalidade, alguns são vencedores em suas categorias, em competições organizadas pelas federações do esporte, como dos Jogos Escolares etapa Fortaleza e Estadual.⁶

Mais dois pontos apresentados no mapa são as areninhas do Tamandaré e do Lions. Importantes áreas de lazer e desporto, as areninhas são campos society

⁶ Os Jogos Escolares do Ceará tem por finalidade, promover ampla mobilização do segmento escolar, incentivando o esporte como forma de inclusão social e estimulando a participação do aluno em atividades esportivas dentro da escola, além de identificar e desenvolver novos talentos esportivos. Os jogos acontecem anualmente, proporcionando aos alunos das escolas cearenses oportunidade de vivenciarem a paz, a amizade e o bom relacionamento através de competições esportivas em diferentes modalidades coletivas ou individuais.

de grama sintética, localizadas em diversos bairros de Fortaleza, sob administração da Prefeitura Municipal em parceria com organizações das comunidades em que estão inseridas. Os equipamentos ganham destaque por serem espaços de convívio e sociabilidade dos estudantes. Apesar de serem próximos, grupos diferentes relataram sobre o uso a partir da proximidade com as residências.

Figura 17: Areninha Tamandaré



Fonte: Elaborada pelo autor, 2025

Utilizando como referência as categorias etnográficas apresentadas por Magnani (2002), podemos compreender o CUCA Jangurussu e a Areninha Tamandaré como *pedaço*, espaço de sociabilidade característico pela regularidade de visitação de seus membros, além de constituírem uma rede de jovens que são atendidos pelas atividades dos equipamentos, sendo caracterizados como os jovens desportistas.

Outro destaque é a Avenida Bulevar III. Considerada pólo gastronômico do bairro, a avenida recebeu nos últimos anos uma reforma que incluiu pavimentação por blocos intertravados, redução da velocidade para 30 km/h, ampliação do canteiro central que passou a ser utilizado como espaço para quiosques ou para disposição de mesas e cadeiras de lanchonetes, bares e restaurantes. A Bulevar III possui importância para os estudantes como espaço de lazer, mas também como posto de empregos, pois muitos estabelecimentos

contratam os jovens da região para trabalhos com preparo de alimentos e bebidas, além do atendimento ao público.

A Avenida Bulevar III, pode ser compreendida, segundo Magnani (2002) como *mancha*, sendo um local que reúne um número diversificado de frequentadores, sem a necessidade de laços estreitos entre si e que buscam tais locais à procura de determinados serviços, como por exemplo, a gastronomia.

Sobre as *manchas*, Magnani nos apresenta:

Sua base física é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências e sem o estabelecimento de laços mais estreitos entre eles. São as manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. (MAGNANI, 2002, p. 22)

Por fim, mas não menos importante, aparece no mapa a EEFM Almirante Tamandaré. A escola como já descrita anteriormente, fica localizada na rua Mandacaru, numeral 1048, no Conjunto Almirante Tamandaré. Atende aproximadamente 720 estudantes, ofertando apenas Ensino Médio.

Figura 18: Fachada da EEFM Almirante Tamandaré



Fonte: Elaborada pelo autor, 2025

A escola é apontada pelos estudantes como um dos principais locais de sociabilidade. Apesar de sua estrutura precária, a escola é considerada acolhedora pelo trabalho desenvolvido no cotidiano e por projetos executados durante o ano

letivo. Os estudantes reconhecem no grupo de professores e demais funcionários da escola um comprometimento em ofertar uma educação de qualidade e minimizar a precariedade do prédio.

Questões como falta de climatização das salas, falta de espaço para práticas esportivas e tamanho reduzido das salas de aulas, são apontamentos feitos pelos estudantes como principais problemas da escola.

Situações como projetos interdisciplinares, Feira de Ciências, Semana de Africanidades, participação em olimpíadas científicas, projetos do Centro de Mídias e Laboratório de Informática, preparatório para vestibulares, qualidade da merenda escolar; são alguns dos pontos apresentados como importantes para considerarem a escola como local de pertencimento.

Uma outra questão apresentada é que como está localizada em um território sem o predomínio de um grupo criminoso que atuam no grande Jangurussu, a escola é vista como um local de convívio seguro entre estudantes que residem em territórios controlados e até mesmo, para os que se declaram participantes de tais grupos. Um aluno comentou: “Professor, na escola todo mundo se respeita, a gente não vai ficar é abraçado, mas aqui ninguém arruma confusão”.

Seguindo com a categorização de Magnani (2003) podemos considerar a escola como um *pedaço*, pois acreditamos que os estudantes se reconhecem como portadores de mesmos símbolos seja pelo fardamento, por frequentarem o espaço de uma mesma escola, e até mesmo por possuírem identificação com a mesma.

Quando consideramos a classificação de Magnani (2003) sobre *pedaço*, relacionamos também com a classificação de Lima Filho (2014) em que considera os jovens, os estudantes do ensino médio, como categoria social juventudes, não apenas uma faixa etária, mas como grupo de indivíduos que possui semelhanças de gostos, estilos e relações comunitárias.

A segunda parte da aula, pode ser considerada como OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL. Nesta atividade foi solicitado aos estudantes que representassem os pontos elencados anteriormente em forma de desenho, pintura, fotografia, entre outras artes.

A Cartografia Social pode ser compreendida como uma metodologia de produção de mapas afetivos, a partir da participação da comunidade de determinado território, a fim de cartografar elementos importantes para o grupo, que em mapas convencionais podem não aparecer, como praças, casas de pessoas importantes para a comunidade, locais de culto e festividades, entre outros.

Enquanto a cartografia convencional privilegia o espaço euclidiano, o território enquanto estado-nação, a precisão e a pretensa neutralidade, a cartografia social prioriza o espaço vivido, percebido e concebido, o território e as questões de territorialidade das comunidades e dos grupos sociais envolvidos no mapeamento. O conteúdo dos símbolos e o posicionamento político são tomados como princípio. (Gomes, 2017, p. 101)

A metodologia é bastante utilizada em territórios tradicionais (quilombos, comunidades ribeirinhas, de pescadores, comunidades indígenas...) em que muitas vezes possuem uma realidade de conflitos por terra sob influência do agronegócio e/ou da especulação imobiliária. O processo de mapeamento contribuiu para que a comunidade reafirme ou reconstrua parte da sua história em defesa do seu território.

Os pesquisadores Adryane Gorayeb e Jeovah Meireles, ambos vinculados ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, possuem vasta experiência com a temática, e nos ajudam a compreender esta metodologia cartográfica:

A cartografia social constitui-se como um ramo da ciência cartográfica que trabalha, de forma crítica e participativa, com a demarcação e a caracterização espacial de territórios em disputa, de grande interesse socioambiental, econômico e cultural, com vínculos ancestrais e simbólicos. (Gorayeb; Meireles, 2014, p. 02)

Silva e Gomes (2018) destacam a importância da participação da população destes territórios para o desenvolvimento desta metodologia.

A cartografia social é um processo de mapeamento com envolvimento direto dos sujeitos sociais, com vistas à autoafirmação e reivindicação dos direitos no/do território. Esses sujeitos decidem o quê e como representar-se, representação esta que exige, por parte dos envolvidos (população, técnicos e/ou pesquisadores), a troca de experiência entre o conhecimento técnico e o saber local, por meio do diálogo e da valorização de ambos, sem sobreposição e/ou hierarquização de um ao outro. Desse modo, a cartografia social é um processo organizativo, de visibilidade e mobilização social. (Silva e Gomes, 2018, p. 226-227)

Na cartografia social está imbricado o reconhecimento da importância dos saberes dos sujeitos sociais sobre o seu território, por isso integra-os diretamente no processo de representação. Por meio de reuniões e oficinas de trabalho, incorpora a produção dos mapas, os depoimentos, os debates

coletivos entre as pessoas das comunidades, a produção de croquis e os registros fotográficos. (Silva e Gomes, 2018, p. 228)

Para Gorayeb *et al.* (2021) a cartografia social vale-se de metodologias que privilegiam os saberes tradicionais das comunidades e concepções locais sobre o espaço habitado, produzindo mapas a partir das representações territoriais, culturais e afetivas sobre a paisagem, sendo assim, considerada uma metodologia qualitativa.

A metodologia, adaptada para a aplicação desta sequência, possuiu o objetivo de mapear dentro do Conjunto Tamandaré, ou do bairro em que o conjunto está inserido, o Jangurussu, equipamentos/espços em que os estudantes compreendam como local da experiência do espaço vivido, espaços de sociabilidade e pertencimento, espaços apresentados na aula anterior. A atividade solicitou aos estudantes a reprodução de tais espaços com o uso de mapas afetivos, ou reprodução fotográfica.

A pesquisadora Zulmira Bomfim, em sua obra *Cidade e Afetividade* (2023) nos apresenta que:

Os mapas afetivos são recursos indicados para intervenções psicossociais, porque acessam sentimentos de forma sintética e propiciam a aproximação destes sentimentos à realidade da vida cotidiana. Como eles são uma forma de acessar os significados atribuídos pelo indivíduo a um objeto de sua realidade, eles podem ser aplicados não somente às questões urbanas ou à cidade. O mais importante deste recurso é a possibilidade de construção da afetividade como dimensão psicossocial. (Bonfim 2023, p. 222)

Andie Lima, em sua dissertação sobre a importância de mapas afetivos para a apreensão territorial, nos apresenta que:

Os Mapas Afetivos são uma categoria que diz respeito a uma estratégia teórico-metodológica de compreensão dos afetos manifestos nas relações pessoa-ambiente. Eles constituem um conjunto de recursos imagéticos, representacionais e cognitivos que desvelam os sentidos movidos pelos afetos na experiência do sujeito com os lugares. (Lima, 2023, p. 54)

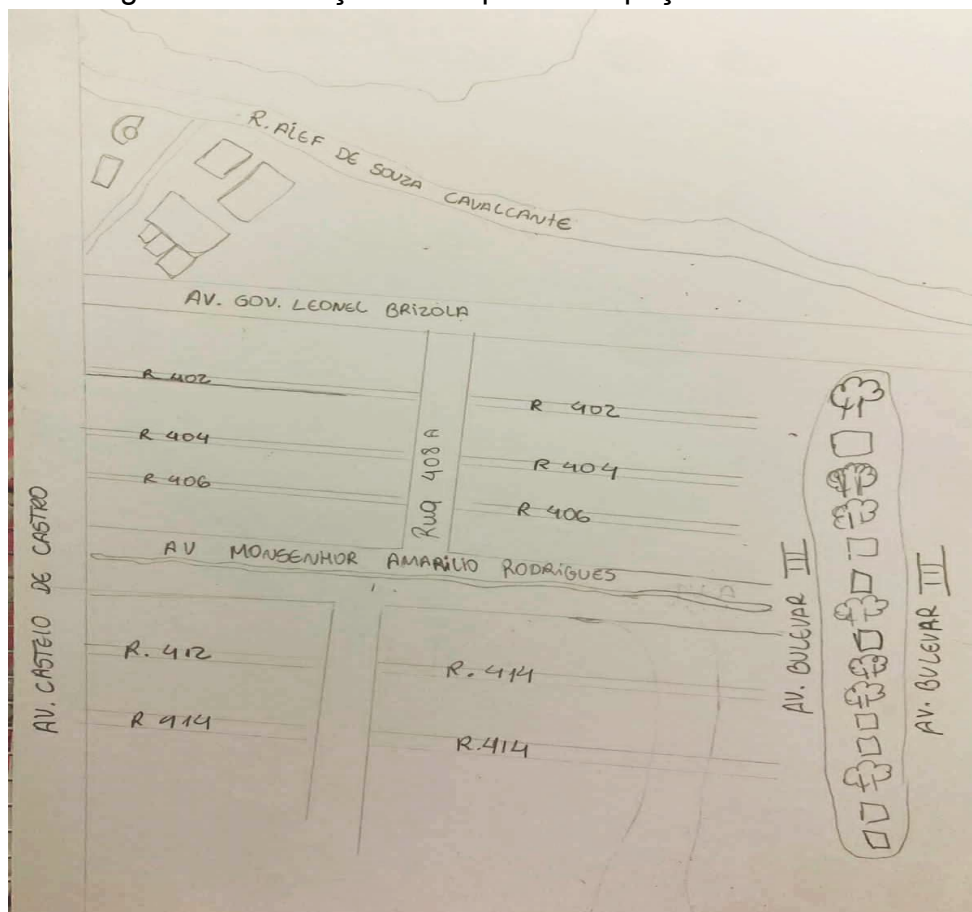
Como produto desta afetividade pelos espaços a partir da representação por meio de desenhos cartográficos, apresento alguns materiais produzidos pelos alunos durante a atividade.

Figura 19: Produção do Mapa dos Espaços Praticados 1



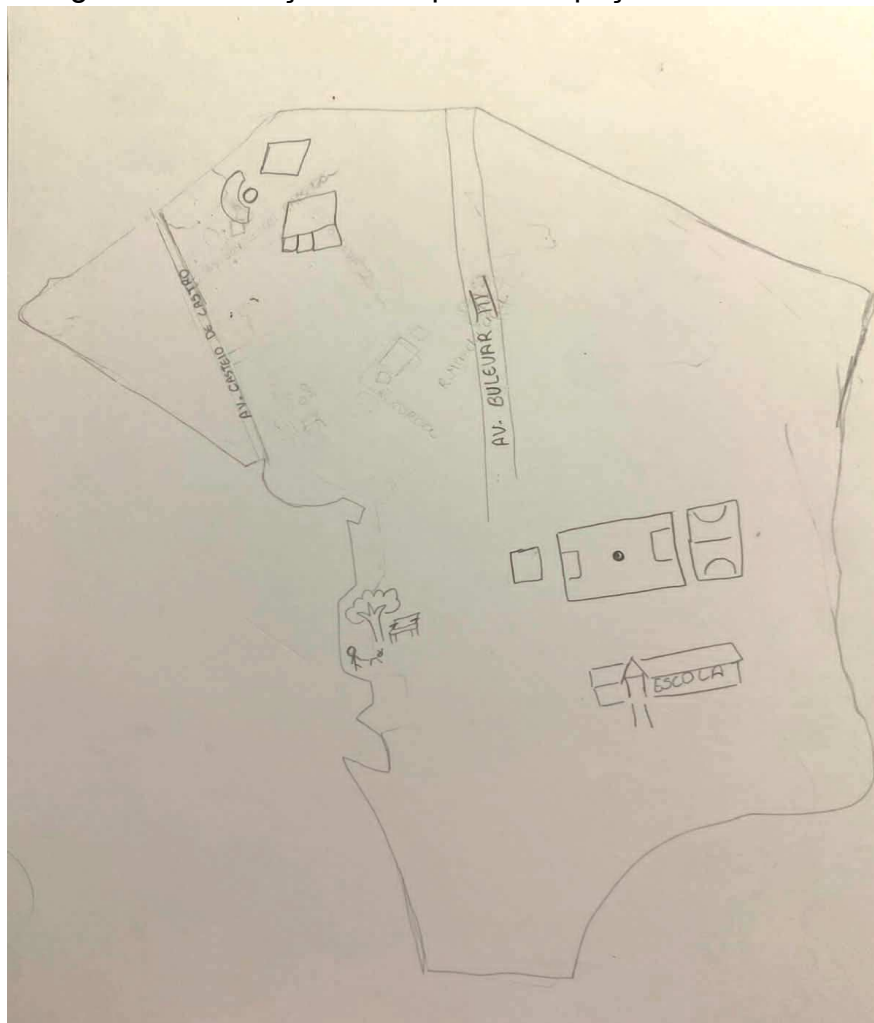
Fonte: Elaborada pelo autor, 2023

Figura 20: Produção do Mapa dos Espaços Praticados 2



Fonte: Victoria Yasmim 2ªA, 2023

Figura 21: Produção do Mapa dos Espaços Praticados 3



Fonte: Isadora Lourys, 2ºE, 2023

5.6 AULA 6 - Conhecendo A Cidade - Pinacoteca Do Ceará

No sétimo encontro, foi realizada uma nova atividade em aula de campo, desta vez à Pinacoteca do Ceará. Como citado anteriormente, a visita prestigiou as exposições: *Bonito para Chover* e *Negros na Piscina*.

A atividade, mediada em parceria com o grupo de professores da área de Ciências Humanas, marcou um processo de rearticulação das aulas em campo para o grupo, desenvolvendo posteriormente novas visitas a equipamentos culturais e realização de percursos urbanos.

A visita contou também com a parceria da Pinacoteca do Ceará a partir do fornecimento de transporte e lanche para os estudantes, o que contribuiu para uma maior participação, já que um dos problemas enfrentados na articulação de

aulas em campo é a questão financeira. Muitos estudantes não conseguem arcar com o valor do transporte, deixando assim de participar das atividades.

A atividade em questão aconteceu no turno da tarde e contou com a participação de alunos das 6 turmas de 2ª série do ensino médio, turnos manhã e tarde.

Para muitos estudantes esta foi a primeira visita realizada à um museu ou equipamento histórico/cultural. A atividade contou com a participação de 42 alunos, 2 professores e 1 coordenador escolar.

Figura 22: Foto da turma - Fachada Pinacoteca



Fonte: At_Notícias (Jornal do Grêmio Estudantil - EEFM Almirante Tamandaré)

Creio que seja importante frisar que a questão do transporte também é um problema enfrentado pelos professores na articulação de atividades em campo. Muitas vezes não é possível conseguir ônibus junto às secretarias de educação, algumas vezes as gestões escolares não permitem a cobrança de valores aos alunos para o custeio dos mesmos. Outras dificuldades é a escolha de quais alunos ou turmas irão participar, pois em algumas vezes os colegas professores de outras áreas e/ou gestores não querem permitir a liberação de alunos no turno de aula para tais atividades.

Durante o percurso foram realizados apontamentos sobre o equipamento que seria visitado, foi lida a história do mesmo, e o resumo das obras a serem visitadas. Material disponível no site oficial do equipamento. Além de que no

caminho outros equipamentos da cidade eram identificados e realizados comentários sobre seu funcionamento, gerando maior participação dos estudantes e desenvolvimento de conhecimentos gerais sobre a cidade.

A experiência da atividade em campo de visita à Pinacoteca do Ceará, foi considerada positiva para o grupo de professores e alunos, pois o contato com outros espaços não convencionais para o processo de ensino e aprendizado, possibilita a apreensão dos conteúdos a partir de outros métodos, como por exemplo a partir dos sentidos e sistema sensorial. Ver, ouvir, tocar o diferente ou o semelhante ao trabalhado em sala de aula, permite aos estudantes desenvolverem diferentes competências e construir conhecimento satisfatório, quanto ou mais que em sala. (Silva e Campos 2015)

As aulas de campo têm auferido um importante papel no ensino de Ciências de um modo geral. Suas contribuições podem ser consideradas fundamentais por representarem uma metodologia que favorece a leitura crítica de mundo, das mudanças na paisagem, das relações entre o ser humano e o ambiente, a partir de seu ordenamento, da relação entre os seres humanos e o espaço vivido, sentido, observado. (...) Assim, proporcionar ao educando a oportunidade de experienciar um aprendizado dinâmico, contextualizado e transformador da realidade na qual estamos inseridos tem se tornado combustível motivador para o professor-pesquisador que lança mão das aulas de campo como metodologia de ensino. (Silva e Campos, 2015, p. 17-18)

Ao fim da atividade foi realizada uma breve roda de conversa sobre o material observado e a dinâmica geral da visita. Em sua maioria, os comentários eram de surpresa positivas pela beleza do equipamento e das obras visitadas, em saberem que as obras foram produzidas por cearenses, do investimento que vem sendo feito para a valorização cultural por parte do Governo Estadual do Ceará e alguns comentários eram de agradecimento pela oportunidade em participarem da atividade, reforçando a importância da metodologia para desenvolver conhecimentos.

Apresento um dos relatos de um estudante, postado em sua rede social *instagram* e compartilhado pelo perfil @At_Notícias, jornal do Grêmio Estudantil da EEFM Almirante Tamandaré.

Figura 23: Nota de agradecimento de aluno



Fonte: At_Notícias - Reprodução Instagram, 2023
(Jornal do Grêmio Estudantil - EEFM Almirante Tamandaré)

5.7 AULA 7 - Avaliação Parcial - Sociologia Urbana

A última aula da sequência didática foi a aplicação de um questionário com quatro questões sobre os temas abordados. As questões estão expostas no plano de aula da atividade apresentado na página 43.

A atividade possuía o objetivo de aferir o conhecimento sobre a temática a partir da resolução de questões semelhantes e/ou retiradas das provas aplicadas no Exame Nacional do Ensino Médio.

O material foi reproduzido e entregue aos alunos, que divididos em dupla teriam que definir a uma resposta comum para a dupla. A cada questão era

estabelecido o tempo de 5 minutos para a dupla, após era realizada a correção em conjunto com a turma.

Ao final, foi realizada uma breve reflexão sobre o percurso desenvolvido durante esta sequência, a importância da participação nas atividades para construção do conhecimento e elaboração da nota do bimestre, assim como afirmei que o processo de ensino e aprendizagem a partir das metodologias aplicadas fazia parte de uma pesquisa sobre o ensino de Sociologia e a apreensão da cidade e do bairro a partir da sociabilidade e pertencimento aos espaços. Por fim agradei às turmas pela o empenho e contribuição.

6 UMA REFLEXÃO GEOSOCIOLÓGICA SOBRE A CIDADE

O desenvolvimento desta pesquisa, análise de referenciais, aplicação das propostas pedagógicas em cada aula, contribuíram para uma observação sobre a cidade e seu ensino, sob o olhar das ciências geográfica e social.

Por possuir graduação em Geografia e ter desenvolvido esta proposta didática durante o Mestrado Profissional em Sociologia, o referencial utilizado em sala para as reflexões e atividades, bebeu da fonte das duas ciências. Buscando sempre apresentar autores das duas searas para cada conceito utilizado, cada atividade prática, sobre a contribuição dos recursos pedagógicos para cada área, tomei a liberdade de categorizar esta análise como Geossociológica.

A cidade pode ser considerada um vasto campo de análise e objeto de estudo para diferentes áreas. Engenharias, Arquitetura, Urbanismo, Geografia, Ciências Sociais, entre outras. Tal cenário permite que possamos ter acesso a diferentes reflexões sobre o espaço da cidade, seus diferentes usos e sentidos para os indivíduos que a ocupam.

Neste trabalho as reflexões tiveram como princípio a relação do indivíduo, o jovem, para o espaço urbano em que vive, no recorte microssocial do bairro. E para buscar compreender quais relações existem ou não, entre os jovens do Ensino Médio com o bairro em que residem, foram utilizadas referências que compartilham deste mesmo objeto, a partir de suas diferentes óticas, possibilitando assim o desenvolvimento de atividades e conhecimentos interdisciplinar entre Geografia e Sociologia.

Como prática pedagógica, consideramos que a proposta da Cartografia Social foi a que mais contribuiu para celebrar a boa relação entre as ciências citadas. O processo de reconhecimento dos espaços identitário para os estudantes, que muitas vezes não eram percebidos como espaços de afetividade, o mapeamento dos mesmos, a produção e reprodução de imagens, as justificativas de escolhas de tais espaços, todas estas ações possibilitaram o desenvolvimento de conhecimento básicos de cartografia e de apreensão de conceitos sociológicos sobre o espaço urbano e relações sociais.

Alguns estudos compreendem o método de Cartografia Social como Mapas Cognitivos, sendo este um método que busca externalizar as relações coletivas, a partir da localização e representação dos espaços de vivências. “Através dos mapas cognitivos que as representações sociais chegam à análise do significado aplicado ao entorno urbano, considerando os aspectos cognitivos, afetivos e sociais.” (Bonfim, 2023, p. 85).

São estas relações coletivas e o processo de representá-las a partir de elementos cartográficos, seja pela identificação de pontos com uso de ferramentas de mapas digitais, seja pelo apontamento de espaços importantes para os indivíduos e/ou grupo, seja pela produção de materiais audiovisuais, e seja a partir da visita em campo, que temos um processo de produção de uma análise Geossociológica do espaço urbano, com recorte microsocial do bairro, buscando compreender as relações identitárias dos alunos com a cidade pela compreensão das

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre a cidade e o espaço urbano vêm sendo objeto de diferentes áreas nas últimas décadas. Geografia, arquitetura, engenharias, psicologia, são algumas das áreas que buscam compreender a influência das estruturas físicas, das instituições, dos fluxos organizacionais, dos sistemas políticos e econômicos sobre as relações sociais neste espaço. Neste sentido as Ciências Sociais exercem papel de destaque, pois buscam compreender a cidade a partir do olhar de que esta não é apenas um aglomerado de estruturas e instituições como mero mecanismo físico, mas é produto da natureza humana, e está envolvida nos processos vitais para os indivíduos.

Análise sociológica, permite ao indivíduo o contato com a realidade em que está inserido, o confronto com realidades em escalas diferentes e compreender diferentes processos históricos e contextos que influenciaram a organização urbana. Neste sentido a Sociologia, enquanto disciplina escolar, vem contribuindo para desenvolvimento do pensamento crítico sobre a cidade, possibilitando aos estudantes uma análise individual e coletiva da realidade em que estão inseridos, desenvolvendo um olhar sociológico sobre o cotidiano.

Porém, é necessário desenvolvermos e/ou potencializarmos metodologias para o estudo da cidade, a fim de contribuir para a prática docente da educação básica, aproximando os estudantes dos conhecimentos sociológicos. Ao apresentar esta sequência didática e refletir sobre sua aplicação, acreditamos que este trabalho apresenta contribuições para o arcabouço disponível.

O percurso pedagógico desenvolvido junto às turmas de segunda série do Ensino Médio da EEFM Almirante Tamandaré, organizado em 8 (oito) aulas de 50 minutos hora/aula, utilizou de diferentes recursos pedagógicos (análise de imagens, mapas, músicas, documentário, aulas em campo, resolução de questões) para desenvolver competências e habilidades necessárias ao componente da Sociologia Escolar, e construção do conhecimento sobre a cidade.

A sequência didática aqui aplicada, disponibiliza um repertório a servir como instrumento norteador de metodologias a serem adaptadas às diferentes realidades. As ações realizadas foram classificadas exitosas, ao considerarmos a

participação dos estudantes nas discussões, reflexões, visitas e produção dos mapas afetivos.

O uso de ferramentas audiovisuais, atividades em aula de campo e práticas de Cartografia Social podem contribuir para a compreensão do espaço urbano, em especial do recorte microssocial do bairro. Conhecer a história, as estruturas, os equipamentos e as relações dos indivíduos com o bairro, possibilitou, a partir desta pesquisa, aferir que o reconhecimento de espaços cotidianos como espaços de sociabilidade - espaços praticados.

Desenvolver conhecimento sob uma análise *geossociológica* sobre a cidade, além de contribuir para a produção de uma Sociologia Escolar construída no chão da escola e da comunidade, contribuiu para o reconhecimento de um sentimento de pertencimento dos estudantes para com a comunidade, com o bairro e com a escola.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Gilmar de. **Para o 'novo' ensino médio, uma 'nova' Sociologia**. 2020. Dissertação (Pós-Graduação em Rede Nacional de Sociologia) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/71104> . Acesso em: 15 fev. 2025.

ALONSO, Angela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. *In*: ABDAL, Alexandre *et al.* **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**: bloco qualitativo. São Paulo: SESC/CEBRAP, 2016. p.8-23.

ARAÚJO, Denise Lino de. O que é (e como faz) sequência didática? **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 3, v.3, n.1, p. 322-334, janeiro/jul. 2013. Disponível em: <http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/46/texto%201%20Aula%205.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2023.

ARBOLEYA, A. F. (org.) ; LIMA, A. J. C. (org.) ; TRINDADE, A. D. (org.). **Sociologia para quê?** Experiências, temas e dilemas do ensino de Sociologia. 1. ed. Curitiba: Bagai, 2020. 311p.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. **Análise Social**, [S. l.], v. 42, n. 182, p. 163–180, 2007. DOI: 10.31447/AS00032573.2007182.08. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/32996>. Acesso em: 17 abr. 2025.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Pulsações no coração da cidade: cenários de intervenção em centros urbanos contemporâneos. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 59, p. 255-266, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/4WjJqFQXdjHd8zYLsHqFjTh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Cidade, atores e processos sociais: o legado sociológico de Lúcio Kowarick. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, p. 149-159, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000100011> . Acesso em: 23 jun. 2023.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo; LIMA, Geísa Mattos de Araújo. Subversões do Olhar: evidências temporais de uma microssociologia dos espaços urbanos. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 69, p. 529-544, setembro/dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/pDByfctm4gn6HTZjVNVLZfw/?lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BODART, Cristiano das Neves.; OLIVEIRA, A.; CAMPOS, R. D. História do ensino das Ciências Sociais. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 24, p. 1-15,

2024. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/69585/751375157802> .

Acesso em: 15 fev. 2025.

BODART, Cristiano das Neves. O ensino de Sociologia para além do estranhamento e da desnaturalização: por uma percepção figuracional da realidade social.

Latitude, v. 5, p. 139-160, 2021. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/download/11397/pdf/43947>. Acesso em: 7 mar. 2024

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. 1. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2023.

BRUNETTA, Antônio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro (org.). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. 1. ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, v. 1, 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.415/2017**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral e dá outras providências. 2017. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 12 fev. 2025.

BRASIL. **Lei Nº 14.945/2024**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a fim de definir diretrizes para o ensino médio, e as Leis nºs 14.818, de 16 de janeiro de 2024, 12.711, de 29 de agosto de 2012, 11.096, de 13 de janeiro de 2005, e 14.640, de 31 de julho de 2023. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14945.htm. Acesso em: 12 fev. 2025.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do Mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTELLAR, S. M. V.; CAVALCANTI, L. S. C.; CALAI, H. C. (org.). Didática da Geografia: aportes teóricos e metodológicos. São Paulo: Xamã Editora, 2012.

CUNHA, Caio Cezar; Terezinha Antonello, Ideni. Cartografia social e mapas afetivos: uma proposta metodológica para as políticas sociais. **Geographia Opportuno Tempore**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. e48840, 2023. DOI: 10.5433/got.2023.v9.48840. Disponível em: <https://www.ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/48840>. Acesso em: 25 set. 2023.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100> Acesso em: 23 jun. 2023.

FREITAS, Francisca Marcia Gabrielle Alves. **Rolê sociológico**: aprendendo sociologia com a cidade. Orientador: Francisco Willams Ribeiro Lopes. 2023. 163 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/73427>. Acesso em: 21 mar. 2024

FREITAS, Francisca Marcia Gabrielle Alves; LOPES, Francisco Willams Ribeiro. Quando a cidade se torna sala de aula: o ensino de Sociologia para além dos muros da escola: . **Pós - Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 40–59, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/50782>. Acesso em: 15 nov. 2025.

GORAYEB, A.; MEIRELES, A. J. de A.; SILVA, E. V. (org.). **Cartografia Social e Cidadania**: mapeamento participativo dos territórios de comunidades urbanas e tradicionais. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/17cYcmG1e8v911Hcub2THVj1wOLwKYoB4/view> Acesso em: 20 jun. 2025.

GORAYEB, A.; Costa, M. C. L.; MEIRELES, A. J. de A.; MARTINS, F. F.; MARTINS, C. S.; ARAUJO, R. C.; ROCHA, F. S. Cartografia Social Urbana: Instrumento De Planejamento e Gestão de Espaços Públicos nas Zonas Especiais De Interesse Social (Zeis) em Fortaleza (Ceará). In: BARREIRA, Irllys Firmo; GONÇALVES, Danyelle Nilin; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (org.). **Aprendizados e desafios da participação**: a experiência do Plano Integrado de Regularização Fundiária (PIRF). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021.

GUIMARÃES, Marília Duarte. **A identidade profissional de professoras da Educação Básica**: sentidos e significados atribuídos à docência - UFC. 2018. 107f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2018.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Tradução Jeferson Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

HOLZER, W. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro. ano IV, n° 7, p. 67-78, jul./dez, 1999.

HOLZER, W. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar**: a crônica dos viajantes no Brasil no século XVI. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1998. Disponível em: <<https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/12/tese-werther.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Brasília, DF: IBGE, 2022.

LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n.49, p. 115-134, 2002 Disponível em: https://www.ces.uc.pt/publicacoes/cescontexto/ficheiros/cescontexto_debates_xii.pdf . Acesso em: 12 abr. 2025.

LEITE, Rogerio Proença. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, v. 53, p. 737-756, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/LccrnkQVLvYc5ZyqG3KgnTB/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

LIMA, Alexandre Jeronimo C. O ensino de sociologia e a sociologia da experiência. *In*: Antônio Alberto Bruneta; Cristiano das Neves Bodart; Marcelo Pinheiro Cigales. (org.). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. 1ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020, v. 1, p. 393-397.

LIMA, Alexandre Jeronimo C.. Sentidos da sociologia na escola: modalidades de práticas pedagógicas. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 16, n. 190, p. 27-40, 7 mar. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/35729>. Acesso em: 30 jun. 2023.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Culturas Juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais (UFC)**, v. 45, p. 103-118, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2421>

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Juventude, o ensino de Sociologia e:. *In*: Antônio Alberto Bruneta; Cristiano das Neves Bodart; Marcelo Pinheiro Cigales. (org.).

Dicionário do Ensino de Sociologia. 1ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020, v. 1,

LIMA, O. C. **Urbanização e fragmentação: apontamentos para estudo do bairro e da memória urbana.** [S.l.:s.n.]. 2001. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/74.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2023. Não Paginado

LOPES, F. Willams R.. O que é lazer?. *In*: BODART, Cristiano. (org.). **Conceitos e categorias fundamentais do ensino de Sociologia.** 1. ed. Maceió: Café com Sociologia, 2021, v. 2, p. 47-52.

LOPES, F. Willams R. (Des)continuidades na política de um currículo nacional: a Sociologia nos arranjos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, v. 52, p. 245-282, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/59993>. Acesso em: 17 fev. 2025.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea - DOI 10.5216/ag.v2i2.4710. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 72–87, 2008. DOI: 10.5216/ag.v2i2.4710. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/4710>. Acesso em: 22 set. 2023.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev. Br. Ci. Soc.**, [S. l.], v. 19, n. 49, jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2025.

MEUCCI, Simone. Os livros didáticos da perspectiva da sociologia do conhecimento: uma proposta teórica-metodológica. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 20, p. 3-18, 2020. <<https://www.scielo.br/j/rbhe/a/CV7vnC7HvkhQjBRj4YsK9Dc/?lang=pt>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MEUCCI, Simone. Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente. **Ciências Sociais em Revista**, [S. l.], v. 51, n. 3, p. 251–260, 2015. DOI: 10.4013/csu.2015.51.3.02. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/csr/article/view/csu.2015.51.3.02>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MEUCCI, Simone. BEZERRA, R.G. Sociologia e educação básica: hipóteses sobre a dinâmica de produção de currículo. **Revista de Ciências Sociais**, v. 45, n.1, p.87-101. Fortaleza: 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2420>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MEUCCI, Simone; FAVORETTO, Carlos. Da onde vc vem? reflexões sobre as cidades, identidade e alteridade numa escola pública de Curitiba. *In*: Danyelle Nilin Gonçalves, Daniel Gustavo Mocellin, Mauro Meirelles (org.). **Rumos da Sociologia no Ensino Médio: ENSEB2015, formação de professores, PIBID, e experiências de ensino**. Porto Alegre: Cirkula, 2016, 1. ed.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (org.). **Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana com base para o conhecimento curricular**. *In*: Currículo, cultura e sociedade. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MOURA, T. O. C.; MELO, P. B. ; PEREIRA, A. Q. . Etnografia e Cartografia Social: possibilidades no ensino-aprendizagem em aulas de Sociologia. *In*: BODART, C. N.; SAMPAIO, R.. (org.). **O Ensino de Sociologia no Brasil**. 1. ed. Maceió: Café com Sociologia, 2019, v. 2, p. 99-128.

NUNES, B. F. Cidade e sociedade: o olhar sociológico no caleidoscópio das cidades. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 519-523, set./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5351/4858>. Acesso em: 22 jun. 2023.

OLIVEIRA, C. D. M. **Sentidos da Geografia Escolar**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

OLIVEIRA, C. D. M. Do estudo do meio ao turismo geoeducativo: renovando as práticas pedagógicas em Geografia. **Boletim Goiano De Geografia**, v. 6, nº.1, 2006, p.31- 47. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/3542/3346>. Acesso em: 26 jun. 2023.

OLIVEIRA, C. D. M.; MACHADO, I. C. B.; ROCHA, M. S. Caminhos do simbolismo: passos da pesquisa de campo na Geografia Cultural. **GeoTextos**, vol. 14 n. 2, p. 65-99, dezembro, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/26366/17135>. Acesso em: 26 jun. 2023.

OLIVEN, RG. A cidade como categoria sociológica. *In*: **Urbanização e mudança social no Brasil [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, p. 7-23, 2010. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/z439n/pdf/oliven-9788579820014-02.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2023.

PARENTE, T. C.; SOARES, A. M. ; SILVA JUNIOR, A. R. . Percursos Urbanos: três paradas para refletir sobre a construção de um conhecimento coletivo. *In*:

CORDEIRO, Domingos Sávio. (org.). **Experiências com Educação em Sociologia**: atividades curriculares e socieducativas. 1. ed. Fortaleza: Gráfica e Editora Íris, 2013, v. III, p. 151-168.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano. *In*: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967, p. 29-72.

SABOTA, Heitor Silva. A Cidade Como Espaço Educativo: o uso de localidades do centro de Goiânia para atividades escolares. *In*: MORAES, Moema Gomes; DA GUIA SILVA, Neisi Maria (org.) **Universidade, formação docente e educação básica**: desafios e perspectivas para um diálogo necessário, Goiânia: Cegraf UFG, p. 116 - 122, 2021. Disponível em: https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/eleb-2019/2_artigos/b023.html. Acesso em: 21 mai. 2023.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SARANDY, F.M.S. Reflexões acerca do sentido da sociologia no Ensino Médio. **Revista Espaço Acadêmico**. ano I, nº. 5, outubro, 2001. Disponível em: [/https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/481/05sofia.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/481/05sofia.pdf?sequence=1). Acesso em: 22 jun. 2023.

SILVA, C. M. da. Entre o ensinar e o aprender: caminhos metodológicos para a compreensão de experiências urbanas. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 163, p. 01-08, dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/25947>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SILVA, C. M. da. Da Cidade Utópica à Cidade Metafórica: Reflexões para uma Antropologia nas Cidades a partir de Campinas. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 132, p. 10-20, mai. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/16879/9094>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SILVA, Leonides Ferreira; GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas. A cartografia social como processo organizativo de visibilidade e mobilização social: relato da experiência com moradores em áreas sujeitas a inundação na cidade de Guarapuava-PR, entre 2015 - 2016. **Geografia (Londrina)**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 225–245, 2018. DOI: 10.5433/2447-1747.2018v27n2p225. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/28880>. Acesso em: 20 jun. 2025.

TUAN, Y. F. Lugar: uma perspectiva experiencial / Place: an experiential perspective. **Geograficidade**, Niterói, v. 8, n.1, p. 4-15, Verão 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150/pdf>. Acesso em: 29 jun. 2023.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Eduei, 1983.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Eduei, 1980.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como Modo de Vida. *In*: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, p. 89-112.